

Revolução

**CONSELHO DA REVOLUÇÃO:
A MONTANHA
PARIU UM RATO**



MOÇAMBIQUE
Independência

ANGOLA
Conciliação Impossível



PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES

PATRIOTISMO E INTERNACIONALISMO

Porta-Voz do PARTIDO
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS



Revolução

Camaradas:

E com atraso e desconhecendo os últimos números do vosso jornal que vou dar a minha opinião sobre "Patriotismo e Internacionalismo" publicado no "Revolução" n.º 38.

Preto com isso a par de uma clarificação política que tem de ser característica de qualquer organização operária - chamar a atenção para os graves erros senão traições, a que poderão conduzir certas ideias no momento em que se abraem perspectivas favoráveis para a Revolução Socialista na Península Ibérica e noutros países do mundo.

Uma posição explícita é tanto mais necessária quando lemos nas páginas do Revolução text os de sentido contraditório (comparar com n.º 35 "Sobre o Internacionalismo").

Quero antes de tudo referir as tendências pequeno burguesas e chauvinistas dum certo nacionalismo apregoado - pelo Governo Provisório, MFA, etc que tem por único objectivo pôr os proletários cá da terra a arregaçar as mangas, aumentar a produção e criar-lhes ilusões na "via original para o socialismo". A este respeito não há a menor dúvida: não é dessa "independência" que fala o PRP-BR.

As divergências surgem quando dizem a "independência nacional" uma questão "de vida ou de morte" e consideram a citação de Mao-Tse-Tung "ter contudo analogias com a actual situação portuguesa".

Desde sempre os marxistas

afirmaram que os operários não têm pátria, isto é, no decurso da guerra imperialista eles não defenderão os interesses da "sua" burguesia mas, pelo contrário lutaram contra ela; esta foi, muito por alto, a atitude dos internacionalistas alemães e bolcheviques russos em 1914-18.

Porque não se trata, a meu ver de quem "agrediu" mas da natureza imperialista, de rapina e de destruição das forças produtivas, da guerra. Nesse sentido falar dos "agressores de Hitler" sem dizer uma palavra sobre os interesses em jogo das várias potências imperialistas tem um sabor muito amargo: é cair na traição social-democrata de Agosto de 1914 e enterrar o espírito que orientou a formação da III Internacional.

Por outro lado é evidente se nos lembrarmos da "Revolução Democrática-Popular" do estalinismo nessa altura (e, noutra medida, de hoje também) das teses da "Democracia Nova" nem burguesas, nem proletária (!), do abandono da luta pela ditadura do proletariado e sua independência política e organizativa, da análise de classe do estado, da revolução...

Julgo que não são considerações académicas. Também não pretendemos trazer cadáveres às costas nem, por maioria de razão os que ainda vivos já cheiravam mal!

E possível uma "invasão estrangeira" como o é, provavelmente uma série de ingerências mais descuradas - e não basta prepararmos-nos para "todas" é preciso saber

de onde é que podem vir e afirmá-lo bem alto, porque os trabalhadores não se mobilizam com meias-palavras. E aqui também o texto que publicam aponta a via da capitulação mais vergonhosa!

Ser derrotista? Perguntam alguns falsos ignorantes. Claro que não repondemos. Nessas condições o comunista integrado nas milícias operárias deve ser o melhor soldado e lutar na primeira linha de fogo.

Mas tiremos da história as lições que convém; as lições da guerra civil de Espanha dizem-nos muito concretamente, que não há vitória militar sobre o fascismo e a reacção internacional sem a revolução socialista, sem a expropriação das fábricas aos capitalistas, sem a entrega da terra aos camponeses;

não há vitória possível sem a planificação socialista da indústria de guerra; e que maior estímulo à moral das milícias proletárias senão o que cria as condições necessárias à insurreição armada noutros países?

Em Espanha os estalinistas lançaram a palavra de ordem "agora a guerra, depois a revolução". Em Portugal esperamos que o PRP-BR seja uma das organizações operárias que combata o reformismo de todos os matizes!

Não queria terminar sem afirmar com Karl Liebknecht: "o inimigo mais perigoso está no nosso país", uma invasão intensificará a luta contra ele!

Viva o internacionalismo proletário!
Viva a Revolução Socialista!

NOTA DA REDACÇÃO - RESPOSTA AO CAMARADA A.M.

O artigo "Patriotismo e internacionalismo" é parte integrante da análise que nós fazemos sobre a situação política.

Fascismo ou Revolução Socialista. Pensamos que uma ou outra hipótese se põem a curto prazo. Só tem cabimento este artigo, no caso da se verificar a segunda hipótese. É evidente que o nacionalismo do actual governo de coligação de classes não é, o nacionalismo da classe operária e dos revolucionários, entre os quais nós consideramos incluídos.

Sobre a "batalha da produção"

já temos tido ocasião de nos pronunciarmos e consideramos que só pode existir uma autêntica batalha da produção quando os trabalhadores deste País conquistarem o controle sobre os meios de produção, sobre o planeamento e sobre o poder político.

A propósito do Internacionalismo (a nossa prática que vem dos tempos da clandestinidade mostra que ele representa para nós sobretudo actos concretos - veja-se em relação às guerras coloniais - queremos dizer que, neste momento a melhor forma de ajudarmos os outros povos a libertarem-se, será fazer a Revolução Socialista em Portugal.

QUEM MUITO SE AGACHA O CÚ SE LHE VÊ!

Não sei se o título será muito objectivo, no entanto quando tenho na consciência o actual momento político, onde procuramos enveredar por uma via fortemente socializante e, das mais diversas formas encontramos focos da reacção, pergunto porque se espera para correr do poleiro com certos senhores que sempre fizeram o que lhes apeteceu, controlam quem querem e o que querem?

Estou a lembrar-me mais propriamente dum caso de que sou vítima, de um dito senhor doutor procurador da Conservatória do Registo Civil de Portimão, que com plena consciência utiliza da maneira mais especuladora a exploração do homem pelo homem?

Após ter regressado da tropa, em Outubro de 1974 fiquei na situação

de desempregado, o que posso agradecer as atitudes do exmo senhor engenheiro Moura, director dos serviços municipalizados de Portimão, que por não simpatizar com pessoas talvez do meu tipo me afasta do serviço, mais propriamente numa altura em que sou convocado para uma inspecção militar no Regimento de Caçadores Paraquedistas em Tancos.

E como era um desempregado em regime de assalariado até foi fácil, pois bastava dizer-lhe que os meus serviços não eram precisos à Câmara Municipal de Portimão, e estava feito, a lei não previa casos destes (não sei se já prevê) e mais grave ainda, o Tribunal de Trabalho não aceitava (não sei se já aceita) queixas dos servidores do Estado.

O certo é que regressei da tropa, então convencido que os critérios de justiça e verdade eram outros, fiz uma petição ao exmo senhor

Presidente da Câmara de Portimão, mas até agora me disseram que não podia ser. Mas falando do então senhor procurador da Conservatória do Registo Civil de Portimão:

Pois em 16 de Dezembro de 1974 encontrei emprego a título eventual na Conservatória. Não sou nenhum escritório, sou um operário metalúrgico, todavia como não conseguisse arranjar emprego no meu ofício, e como as minhas poucas habilitações literárias chegassem para o preenchimento do lugar aceitei:

A) Comecei a trabalhar em 16-12-74 e os meus honorários só me foram pagos em 3 ou 4 (não posso precisar ao certo) de Março de 1975.

B) Tive início no serviço em 16-12-74 e terminei este serviço em 7-3-75 e apenas me foram pagos os

dias que vão de 7 de Janeiro a 28 de Fevereiro.

C) Procuo esclarecer-me na Direcção Geral do sobre o porquê. Ele justifica com um ofício passado pela Conservatória, assinado pelo conservador, senhor Dr. Gonçalves em como eu tinha iniciado as minhas funções em 7-1-75 e acabou em 28-2-75.

Como isto ainda não bastasse fui obrigado a reembolsar a quantia de 270 e poucos escudos por ter havido a meu favor um erro de contabilidade.

Que se pode esperar deste homem que pessoalmente considero um aldrabão e um ditador?

Que bem que certas pessoas depois do "25 de Abril" até se conseguem rotolar como democratas. Lá diz o dito popular:

Quem muito se agacha o cu se lhe vê!
A.B.

UNIR E ORGANIZAR AS CLASSES TRABALHADORAS PARA A TOMADA DO PODER

- É a tarefa central do momento presente

A grande manifestação operária e revolucionária do passado dia 17 levada a cabo pelos C.R.T.S.M., pela quantidade e quantidade dos que aí se incorporaram, mostrou como o proletariado deste país rejeita o poder da burguesia e está firmemente disposto a avançar para a total conquista e exercício do poder económico e político. Foi um grande passo em frente no sentido da unidade, da organização e da tomada do poder pelo proletariado.

Era impressionante ver este exército de milhares de camaradas operários, com os seus fatos e capacetes de trabalho, avançar pelas ruas de Lisboa, gritando palavras de ordem anti-capitalistas e pela ditadura do proletariado. Era impressionante ver a unidade destas dezenas de milhares de trabalhadores e revolucionários de quase todos os partidos, desde as bases do PCP até às organizações maoistas-leninistas. Assim como

impressionante é aquele caso de uma empresa de milhares de trabalhadores, em que à frente do processo pela criação dos Conselhos Revolucionários estão decididos camaradas operários do PCP, assim como camaradas simpatizantes do PRP-BR e do MRPP.

Tudo isto é impressionante e profundamente significativo do momento que vivemos. A classe compreende o que está em jogo, a classe compreende que é um problema de vida ou de morte. E é por esta compreensão que ela procura ultrapassar as divisões partidárias, submetendo os partidos aos objectivos de classe do proletariado.

Esta manifestação, marco da história da luta de classes em Portugal, significativa da organização e da força que vem assumindo a alternativa revolucionária neste país, fez tremer a burguesia e os seus partidos, fez tremer o reformismo e os seus instrumentos, fez tremer o Conselho da Revolução

(que Revolução?) e perturbou o próprio COPCON. Até escribas venais e pequeno-burgueses acusaram o toque. A miserável provocação do jornal "O Século" à manifestação dos C.R.T.S.M. é uma daquelas que não se esquecem e que a classe operária deste país um dia há-de fazer pagar caro.

O comunicado do Conselho da Revolução alusivo a esta manifestação e ao seu significado é bem claro de qual é o Povo e quais as massas que este Conselho respeita e defende. O Conselho da Revolução fez uma opção de classe entre os operários e revolucionários que se manifestaram no dia 17, exigindo o poder para si, e a canalha burguesa e reacçãoária que no dia 23 foi apoiar esse mesmo Conselho. O Conselho da Revolução optou pela burguesia. E essa opção tem um significado trágico. Na actual situação concreta de Portugal pode significar que o Chile não está longe.

É tempo de cada um se definir. Aos militares revolucionários cabe pesar as responsabilidades que têm no andamento do processo político português.

A classe operária e aos militantes revolucionários cabe extrair as lições da actual situação e adopção das medidas adequadas à sua organização e defesa, bem como às necessidades do avanço do processo revolucionário.

Os CDR tal como aparecem (arriscando-se a ser uma nova Legião), ou certas estruturas preconizadas e ditas populares, com o MFA à cabeça (sofrendo de evidente paternalismo), não são alternativa revolucionária neste país. Aqui e agora, ou se entra num processo em que se comprometem as classes - pelo controlo exercido por estas a nível das empresas do planeamento e do poder político - ou, então, talvez seja a derrota do proletariado e das forças progressistas deste país, a curto prazo.

Os Conselhos Revolucionários (CRTSM), pela mobilização de todo o proletariado, pela garantia de democracia directa e pelo apertadismo (o seu único partidarismo é o da classe produtora contra a burguesia), são a única solução adequada à defesa dos interesses da classe do proletariado. Neste contexto cabe aos militantes revolucionários (com ou sem partido) fazer um sério apelo à unificação e organização da classe e dar passos decisivos no sentido dessa necessária unificação e organização.

A camaradas operários ainda enganados no PS, aos camaradas operários e revolucionários das bases do PC, aos camaradas operários e revolucionários de orientação maoista, a todos os camaradas revolucionários com ou sem partido, coloca-se hoje uma tarefa central: unir e organizar as classes trabalhadoras para a tomada e exercício do poder.

PORQUE É QUE OS CDRs SÃO UMA MANOBRAS DE DIVISÃO DOS TRABALHADORES

Os CDRs surgiram um mês depois da criação dos Conselhos Revolucionários. Sendo a proposta dos CRTs baseada nas Assembleias de local de trabalho e na eleição, não se compreende porque surge um mês depois outra organização. Parece que partidos ou outras organizações que temessem perder o controlo que têm ou julgam ter dos trabalhadores, correram a inventar uma organização, que opondo-se aos Conselhos Revolucionários, lhes permitisse segurar esse controlo.

Os CDRs são constituídos por auto-nomeação como se pode ver pelos vários papeis que circulam a fazer a sua propaganda. É assim que qualquer CDR que se cria numa empresa aparece constituído por um certo número de trabalhadores que à cabeça se intitula "o CDR" ou "do CDR". É fácil perceber que esses trabalhadores serão de determinado partido interessado em controlar esta organização.

Ao contrário, os Conselhos Revolucionários são eleitos por local de trabalho, são portanto constituídos por trabalhadores da confiança de todos os outros. Por outro lado podem ser demitidos a

todo o momento, sempre que não cumprirem e têm de obedecer às assembleias. Quem pode desmentir a legitimidade disto? Quem pode, honestamente, substituir isto pela auto-nomeação?

É claro que é impossível a qualquer partido controlar os Conselhos Revolucionários. O poder fica realmente nas mãos dos trabalhadores.

Alguns trabalhadores dizem no entanto que as eleições em determinados locais de trabalho - bancos, seguros, etc - dariam conselhos com uma composição de direita. É certo. Mas quem nos afiança que a auto-nomeação não permite exactamente uma constituição de direita, por oportunismo. Sabemos aliás como legionários e outros correm a inscrever-se em determinadas organizações para se limparem do passado. A única solução é não dar armas nem poder a conselhos formados neste tipo de serviços e pô-los sob controlo dos operários.

Os CDR dizem defender a revolução. Mas qual revolução? Em Portugal a revolução socialista não está feita, está por fazer. Porque Revolução Socialista significa os trabalhadores no poder e ninguém

pode afirmar que actualmente os trabalhadores estão no poder.

Ao contrário disto, os Conselhos Revolucionários são para fazer a Revolução, para conquistar o poder.

Os CDRs transformaram-se numa nova legião, dentro da medida em que formam um corpo para-militar, auto-nomeado para defender um regime.

Os CDRs rejeitando a conquista do poder pelos trabalhadores retiram a este o seu papel de vanguarda e dão esse papel ao actual poder de conciliação de classes, que passa a defender.

COMITÉS DE DEFESA DA REVOLUÇÃO

É a aliança do Movimento Popular com o Movimento das Forças Armadas que conduzirá Portugal ao SOCIALISMO.

Para um maior estreitamento entre os dois Movimentos há que criar Brigadas Mistas de Civis e Militares que exercerão a defesa do Património Nacional, nomeadamente pontes, centrais, fábricas, banhos, etc.

Ora, essas Brigadas estão já a constituir-se: são os CDRs. Há pois que ir para a frente.

O EPE TERÁ QUE ESTAR PRESENTE

VAMOS PARA A CONSTITUIÇÃO DOS CDRs NO EPE

Um CDR tem características fundamentalmente unitárias, aberto a todos os trabalhadores e trabalhadoras e deverá ser formado por revolucionários com ou sem partido, onde será combatida qualquer posição ou representação partidária.

Cada aderente terá de preparar-se militarmente, preparação essa que será ministrada pelo MFA, ao qual será pedida solicitação nesse sentido logo que nos tenhamos organizado.

Deverá ter-se em atenção a responsabilidade que envolve o acto de inscrição, o qual deve merecer toda a reflexão, a fim de que conscientemente seja praticado.

Se quiseres aderir, dirige-te por escrito ou telefonicamente para:

	DATA DO APARECIMENTO	FORMA DE CONSTITUIÇÃO	OBJECTIVOS	RELAÇÃO COM AS ESTRUTURAS MILITARES
C.D.R.	16 de Maio	auto-nomeação	Defender a "Revolução" actual	Submissão à actual estrutura das Forças Armadas
C.R.T.	12 de Abril	Eleição no local de trabalho	Conquista o poder para aos trabalhadores	Formação de Conselhos de trabalhadores, soldados e marinheiros para um futuro exército revolucionário

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PARTIDO REVOLUCIONÁRIO

SOB A ESTRATÉGIA BOLCHEVIQUE

Como instrumento da classe na sua organização para a tomada do poder, o partido revolucionário não pode ser um órgão para dirigir e controlar, a partir de cima.

A sua tarefa tem de ser estimular a capacidade das massas em se organizarem autonomamente. A concepção bolchevique do partido, como vanguarda organizada, mas separada das massas foi uma das componentes da degenerescência do poder, surgido da Revolução de Outubro. Esta concepção, transportada para as condições concretas da realidade portuguesa, toma formas social-democratas, como acontece no revisionismo reformista ou de esquerdismo, geralmente sem grande reflexo nas massas proletárias (mas com bastante audiência na pequena

burguesia radicalizada), como acontece com os agrupamentos maoístas e trotskistas.

A ineficácia da concepção de bochevique, nas condições do actual processo revolucionário, advém da interpretação incorrecta e anti-dialéctica dos teóricos e militantes, que aplicam mecanicamente métodos e processos, que tiveram cabimento em determinadas épocas lugares e situações que pouco ou nada têm a ver com a nossa realidade. Assim, as condições históricas da Rússia de 17, forçaram o partido bolchevique a ser uma vanguarda separada das massas, concentrando o poder nas mãos dos revolucionários profissionais, depositários da verdade. Explica-se esta distanciação entre partido e massas, pela extrema dispolitização do proletariado russo, maioritariamente camponês e analfabeto.

separada das massas, mas sim um órgão que estimulará a acção, que ajudará o proletariado a criar os seus próprios órgãos de luta.

O partido, como organização em

si torna-se necessário devido à centralização de experiências, da análise política globadas novas situações que se vão criando e da definição de estratégias a contrapor ao estado burguês.

Por ter uma resposta adequada para cada situação nova que se lhe depara todo o verdadeiro partido revolucionário tem como característica formas organizativas que não são as mesmas que existiam no princípio da luta. O partido ou movimento revolucionário, depois de ser apoiado em estruturas elaboradas, sem ligação com a globalidade da classe (como imposição da própria luta clandestina), deve liquidar

essas estruturas substituindo-as pelas formas autónomas de organização que as bases soberanas elaboram, com vista à tomada de exercício do Poder.

O verdadeiro partido revolucionário, depois de ter desencadeado ou estimulado o movimento autónomo de massas deve mostrar-se pronto a fundir-se nele, favorecendo a criação de assembleias soberanas, que constituirão os Conselhos Revolucionários de Trabalhadores, Soldados e Marinheiros, aceitando a destruição de toda a hierarquia, formada da cúpula para a base, acabando com a separação entre dirigentes e dirigidos.

Revolução como forma de liquidação permanente de estruturas hierárquicas e de renascimento de degenerências burocráticas.

Para cumprir a tarefa de instrumento da classe na sua emancipação, o partido deve renovar-se, purificar-se constantemente pela própria revolução, praticando-se a democracia no funcionamento interno do partido e na actuação da respectiva direcção.

REVOLUÇÃO SOCIALISTA E DITADURA DO PROLETARIADO

A Revolução Socialista, que colocará a classe no poder arrebatado à burguesia, instaurará a Ditadura do Proletariado, que será exercida pela organização autónoma de base, ou seja, os soviets ou Conselhos de Trabalhadores, Soldados e Marinheiros.

Essa Ditadura não é, de forma alguma, pertença de qualquer partido ou elites, sendo tarefa do partido, dinamizar e fornecer dados e análises ao proletariado, com vista à sua organização para a tomada e exercício do Poder.

RELAÇÃO PARTIDO MASSAS

Nas condições actuais o partido não pode ser uma vanguarda

Tal como os adultos, os jovens trabalhadores são alvo da exploração da classe que detém os meios de produção; nos jovens trabalhadores, esta exploração assume formas específicas. O facto de a classe de origem do jovem ser o

proletariado, determina que este entre no processo de produção, muito mais cedo (em muitos casos cerca dos 10-12 anos, ou mesmo antes) devido à sobrevivência do agregado familiar, a que pertence.

EXPLORAÇÃO NO TRABALHO

É no local de trabalho, onde mais se sente a diferença de exploração e opressão capitalista entre trabalhadores jovens e adultos: a grande desproporção salarial, a utilização dos jovens em trabalhos menos higiénicos e mais pesados, os ritmos de produção e as relações sociais de produção (chefe-aprendiz), são formas de discriminação e sobreexploração, cujos dois principais objectivos são bem nítidos:

1.º superexplorar o jovem, já que não é possível fazê-lo com a mesma facilidade aos adultos.

2.º Transformar as lutas entre trabalhadores jovens e não jovens contra o patronato, em lutas entre

trabalhadores jovens e adultos, provocando assim a divisão da classe.

As justificações dadas pelo patronato para manter esta situação, são várias, sendo as principais: a idade pré-militar, a inexperience e a inqualificação técnica. Aliado ao facto de terem de pagar menores indemnizações leva-os a preferirem despedir os jovens porque também aqui, é o critério do lucro que é determinante.

A nível da superestrutura da sociedade a repressão política incide sobre os jovens trabalhadores através do aparelho militar, do conteúdo do ensino e da difusão da cultura burguesa particularmente nos tempos livres

O APARELHO MILITAR

Quanto ao aparelho militar, há dois aspectos que é conveniente destacar:

1.º A função a que o exército se destina, como aparelho repressivo de estado, é a manutenção do poder político e económico da burguesia; por vezes esta função passa pela repressão das lutas dos trabalhadores ou antes, das lutas de libertação nacional dos povos das colónias.

O exército desempenha na actual situação um papel decisivo tanto na hipótese de golpe fascista como de Revolução Socialista. É pois de extrema importância o trabalho de organização revolucionária tanto ao nível de soldados e marinheiros, como dos oficiais progressistas do MFA, o que implica que se realize um forte trabalho de agitação e organização, na idade pré-militar.

2.º O facto de o exército na

ANÁLISE DOS PROBLEMAS DOS JOVENS TRABALHADORES



sociedade capitalista ter sido criado para manter o poder económico e político da burguesia, em oposição radical aos interesses dos trabalhadores, e o facto deste mesmo exército ser constituído por jovens trabalhadores encerra em si uma grande contradição, só suportável por uma forte repressão ideológica, que através da rígida disciplina

hierárquica militar, visa a despersonalização do jovem trabalhador-soldado, no sentido da não identificação com os interesses da sua classe e a reprodução das relações sociais de produção (chefe-operário) a que o jovem estava submetido no local de trabalho, e voltará a estar quando sair do exército.

tida entre os jovens, pois enquanto uns entram no processo da produção, outros continuam a estudar. Há, contudo, jovens-trabalhadores que, para adquirirem uma qualificação técnica que lhes permita auferirem um salário maior, ingressam na escola técnica, o que convém ao sistema na medida em que o operário especializado, não só serve as necessidades do desenvolvimento tecnológico do sistema, como também pela nova posição que vão ocupar na hierarquia das relações técnicas de produção podem ser um factor da divisão da classe.

A ideologia burguesa penetra ainda na classe através da ocupação dos tempos livres, particularmente nos jovens trabalhadores pois são estes que mais procuram ocupar os tempos livres em grupo.

O ENSINO

Analisando o problema do ensino, importa frizar o seu carácter de classe. Nesta sociedade, a função do ensino não poderia ser outra senão a de formar quadros com aptidões técnicas que correspondam às necessidades desenvolvimentistas deste sistema.

Ao mesmo tempo que serve para difundir a ideologia burguesa. Mas, uma vez que o ensino é para servir determinadas necessidades do

sistema e para reproduzir as relações de produção, este só lhe interessa proporcioná-lo, a um número limitado de jovens que satisfaçam as necessidades do momento, e ao nível do ensino superior, aos jovens de origem burguesa. É por isso que, à medida que se vai passando de ano, a selecção burguesa aumenta, sendo eliminados geralmente aqueles cuja origem de classe é o proletariado. Esta selecção de que falamos, é ni-

Colaboração do núcleo de Ferragudo do PRP-BR

PLENÁRIO DOS CTT ENTREVISTA COM UM TRABALHADOR

Realizou-se no dia 22 um Plenário de trabalhadores dos C.T.T., no Clube Atlético de Campo de Ourique, com a participação de 2.078 trabalhadores. Este Plenário destinou-se à discussão e aprovação das alterações aos estatutos do Sindicato e aprovação deste.

A sessão só podia iniciar-se após a assinatura de 2000 pessoas, segundo a lei das associações sindicais.

Apesar das tentativas de boicote e desmobilização por parte de pessoas que se encontravam no exterior dizendo que dentro da sala já havia 2000 pessoas, conseguiu-se realizar a sessão.

Foi aprovado o Sindicato Nacional de Correios e Telecomunicações com 2057 votos a favor, 13 contra e 8 abstenções, e foram também aprovadas as alterações aos estatutos já aprovados em 24/11/75.

Entre alguns pontos focados ficou claro que os delegados, quando deixassem de merecer a confiança dos trabalhadores seriam exonerados. Que os trabalhadores se devem organizar em comissões e que têm direito a reunir-se nos locais de trabalho.

O Secretariado é composto por 21 eleitos e 7 suplentes e pelo prazo de 2 anos, revogáveis a qualquer momento.

No Plenário estiveram presentes trabalhadores do Porto e Braga.



REVOLUÇÃO: Podes descrever o que tem sido a luta do Secretariado até agora?

RESP— Aluta deste Secretariado, parte desde a Comissão Pró-Sindicato e tem sido difícil porque a maioria dos elementos do Secretariado são da província mas, mesmo assim podemos considerar que tem sido muito objectiva.

A eleição deste Secretariado foi feita pela grande maioria dos trabalhadores com cerca de 13.180 contra outra lista concorrente que teve a votação de 5.083 aproximadamente.

Depois desta eleição, nós tivemos muitos e variados problemas com a estruturação do Sindicato. Problemas pessoais que tivemos de resolver num curto espaço de tempo, por não termos ainda encontrado formas orgânicas.

REVOLUÇÃO: O vosso trabalho sofreu algumas alterações, pela saída da lei das associações sindicais? Em que consistiram essas alterações?

RESP— Em face da lei das associações sindicais de facto sofremos algumas alterações, na medida em que estávamos dispen-

sados dos serviços e agora temos que voltar ao mesmo, ou seja, ao ponto de partida. As alterações são as seguintes: nenhum membro do Secretariado pode estar desligado do serviço mais de 4 dias por mês, o que nos prejudica muito o trabalho sindical e para mais num Secretariado como o nosso que tem à volta de 35.000 trabalhadores. Com isto não quero dizer que não trabalhemos com mais afinco e com a unidade de todos os trabalhadores venceremos todas as dificuldades que a lei nos impõe.

REVOLUÇÃO: Têm havido alguns boicotes ou entraves à vossa luta, e como decorreu o plenário de trabalhadores do dia 22?

RESP— Houve de facto boicote à nossa luta e tem continuado a haver porque o sistema continua o mesmo. Por exemplo, ao longo da semana passada certos e determinados trabalhadores sabotadores e amarelos foram expulsos dos locais de trabalho pelos próprios camaradas de trabalho. E ainda no dia 22, o dia mais importante de todas as nossas lutas, o trabalho foi sabotado pelos laiaos amarelos. Tentativa de desmobilização de trabalhadores. Diziam eles, que era necessário mais assinaturas para legalização do nosso sindicato. Mas mais uma vez os trabalhadores deram provas de uma consciência sindical e mostraram que estavam unidos à volta do seu Secretariado Nacional.

REVOLUÇÃO: Como está estruturado o vosso sindicato?

RESP— O sindicato dos C.T.T. é formado da seguinte maneira:

Secretariado Nacional, Conselho Nacional, Congresso Nacional, Secretariados Regionais, o que corresponde a todos os distritos e secções equiparadas que têm as mesmas funções dos regionais mas só existem no Porto e em Lisboa. Todos estes órgãos são a formação de todo o sindicato dos C.T.T. para melhor defender os trabalhadores.

Os trabalhadores dos TLP vêm-se divididos em 32 sindicatos. O Sindicato dos Telefonistas Tem a maior representação de trabalhadores da empresa— cerca de 4.500.

O processo TLP surgiu depois do 25 de Abril com a conquista daquele sindicato, desenrolando-se depois com a eleição de delegados sindicais.

Entretanto, dentro da empresa surge um movimento para a eleição da Comissão de Trabalhadores, que é boicotada pela Intersindical da empresa, quer em plenários quer por tentativas de meterem elementos da sua exclusiva confiança, o que motiva nessa altura um comunicado do grupo Pró-Comissão de Trabalhadores no qual se apela a todos os trabalhadores para a formação da comissão e que esta deve ser constituída pelos elementos mais combativos e da inteira confiança dos trabalhadores.

CADERNO REIVINDICATIVO

No Sindicato dos Telefonistas começa a ser discutido o Caderno Reivindicativo.

"Foi o sindicato que dinamizou este processo. O nosso caderno reivindicativo foi discutido em Assembleias Gerais e aprovado por nós. A Administração apresentou depois uma contra-proposta que nós consideramos vexatória e que repudiamos por unanimidade numa assembleia. Entretanto e antes de avançarmos para formas de luta, achamos que devíamos fazer uma nova tentativa com a administração. Apresentamos então um novo caderno reivindicativo e do qual não abdicamos dum só ponto.

Claro que a administração não aceitou e avançamos. Começamos por greve de zelo, depois greve de braços caídos. Surgem neste altura, a difamação, a tentativa de divisão.

Estão 4.500 trabalhadores em greve e diz-se por aí que são só 100".

MANIFESTAÇÃO DE 4.500 OPERÁRIOS

Os trabalhadores es resolveram vir para a rua, manifestando-se contra

REVOLUÇÃO: Que perspectivas se oferecem para o futuro?

RESP— As perspectivas apresentam-se muito melhores pois até aqui não estávamos legalizados, a partir de agora e com a unidade de todos os trabalhadores organizados na base, em comissões de trabalho, nós estamos confiantes que conseguiremos resolver todos os problemas respei-



as manobras da administração, contra a actuação do Ministro das Comunicações e Transportes, demonstrando toda a sua força, desmentindo todos aqueles que diziam que a luta era duma minoria.

Ainda neste dia, os operários dos TLP aderiram à manifestação de apoio aos trabalhadores da Rádio Renascença, solidarizando-se com eles, tal como já o tinham feito por duas vezes à porta daquele emissor quando do corte dos telefones mandado efectuar pela administração da R.R.

AS CONTRADIÇÕES DO PODER REFLETEM-SE NA LUTA DOS TLP

No dia 19 o sindicato envia um ofício a Otelto Saraiva de Carvalho:

"...A Direcção deste Sindicato reunida, delib erou comprometer-se a suspender o processo de luta, até terça-feira, dia 24-6-75 às 8 horas, desde que tenha a garantia do Sr. General Otelto Saraiva de Carvalho, oficial, em que se comprometa junta das entidades competentes a ajudar a resolver o diferendo existente entre os trabalhadores, o Conselho de Administração e o Ministério das Comunicações e Transportes.

Esperando a Direcção uma resposta oficial até 2.ª feira às 14 horas dia 23-6-75, está esta Direcção perna nentemente aberta a qualquer tipo de negociações."

Que no mesmo dia é respondido

"...Em resposta à vossa solicitação telefónica informo que podem contar comigo para, junto das entidades competentes, tentar ajudar a resolver o diferendo existente entre trabalhadores e o Conselho de Administração e o Ministério das C. e Transportes, congratulando-me desde já com a suspensão do vosso processo de luta.

Sem outro assunto, Saudações revolucionárias."

Também no dia 19 é emitido um comunicado pelo Conselho da

tantes aos trabalhadores dos C.T.T.

REVOLUÇÃO: Encaram a possibilidade de união com outros sindicatos com actividades semelhantes à vossa?

PESP— Encaramos da melhor maneira a união com outros sindicatos como por exemplo telefones, televisão, rádio, Marconi e outros da mesma actividade.

Revolução no qual declara "... apelando para o avanço na via da ditadura do proletariado com o apoio de milícias armadas, via esta que o MFA repudia por não se enquadrar no caminho pluralista já definido para a Revolução portuguesa"

Ainda, no mesmo dia sai um comunicado do COPCON sobre a luta dos trabalhadores dos TLP.

"...Chegou ao conhecimento deste Comando que o nome do COPCON e do próprio general Otelto Saraiva de Carvalho estavam a ser abusivamente utilizado por alguns delegados sindicais do Sindicato dos Telefones de Lisboa, em apio à greve de braços caídos desencadeada por aquele sindicato.

O COPCON tem actuado de forma a tentar conciliar pelo diálogo, as posições assumidas pelos trabalhadores e pelas entidades responsáveis e nunca a tomar partido incondicional por qualquer das partes.

O COPCON é um orgão militar revolucionário, braço armado do MFA posto ao serviço da população do país, em especial das classes trabalhadoras e das mais desfavorecidas.

"Apoiando as justas lutas destas classes, não pode, no entanto, de forma alguma, concordar na actual situação que o país vive, com uma greve de braços caídos, que por este Comando é considerada inoportuna, que não tem o apoio da grande maioria dos trabalhadores dos TLP e que, de forma gritante, redunde e manifeste prejuízo do bem do povo.

Este Comando reprova e denuncia a atitude de alguns delegados sindicais que, fora conseguirem o apoio das massas trabalhadoras da empresa para uma greve inoportuna, não hesitam em recorrer e utilizar o nome do COPCON e do seu comandante..."

Todas estas contradições provam que só a classe operária é a vanguarda da revolução. Aliados aos militares revolucionários, serão estes que se deverão pôr ao lado da classe operária, e não a classe estar sujeita às decisões dos militares.

à classe operária compete organizar e armar-se para a tomada do poder. E pela formação de Conselhos Revolucionários, eleitos em Assembleias Gerais e renováveis a cada momento, que a classe poderá fazer face ao confronto com a burguesia e a destruir. Isso sim, será a Revolução Socialista.

VIANA DO ALENTEJO

“Ontem era só de um. Hoje é de todos”

Muito se tem escrito e falado sobre a tão prometida “Reforma Agrária”, de que, aliás, pouco ou nada se conhece. À boa maneira tecnocrata e burguesa, uns tantos senhores (quantos deles já trabalharam a terra) sentados em torno de outras tantas secretárias, cozinham “no segredo dos Deuses” a dita reforma.

Pergunta-se onde está a participação das mais amplas massas de trabalhadores rurais na feita da anunciada reforma? Onde até o debate aber to franco e livre que sirva, não só para que essa Reforma tenha um cunho vincadamente revolucionário, mas também e ao mesmo tempo como meio de consciencializar e politizar a grande massa dos trabalhadores? O certo é que tal não existiu e que quando as grandes decisões são tomadas por um punhado de indivíduos em nome de milhares ou milhões, isso chama-se burocracia. A comprovar esta burocracia está a péssima administração da maioria das empresas agrícolas estatais, só porque o governo não quis entregar aos trabalhadores a respectiva gestão. Em vez disso, recrutam-se “ad hoc” técnicos “nem comprometidos com o fascismo, nem muito radicais”, indivíduos que, em muitos casos saíram à dois dias da universidade, que nunca viveram de perto o problema da terra e para quem a agricultura é chinês.

Assim se cria uma pesadíssima máquina burocrática que será paga, evidentemente, pelos trabalhadores...

Tudo isto vem a propósito do que se passa na recém formada Cooperativa agrícola das Galerias em Viana do Alentejo, onde os trabalhadores, a exemplo do que vai sucedendo noutros locais não esperaram pela Reforma, fizeram a Revolução e justiça por mãos próprias.



ONTEM ISTO ERA SÓ DE UM HOJE É DE NÓS TODOS

Aconteceu há cerca de 5 semanas: um grupo de trabalhadores é convocado por um de entre eles mais escalecido e dinâmico. Na reunião não foi dito claramente o seu objectivo “para evitar o alarme e as divisões”. Serenamente os trabalhadores discutiram alguns dos problemas mais prementes para a sua classe, o que foi ponto de partida para uma certa união e um maior grau de decisão.

No dia seguinte esses mesmos trabalhadores entram na Quinta das Galerias logo pela manhã. E sem hesitações logo até se começa o trabalho até que chega o feitor:

— Então o que se passa?

O que se passa é só isto: ontem isto: ontem isto era só de um; hoje é de nós todos.

Surpreso e temorato, o laiaio do ex-proprietário prepara-se para abandonar definitivamente a quinta fazendo-se transportar na camioneta da mesma

— Eh! Onde é que vai?

— Vou-me embora...

— Está bem, mas vai a pé que a camioneta também é pertença da quinta e não abala daqui.

Nervoso, o feitor ainda tentou ver se conseguia iludir os trabalhadores e arrancar com a camioneta; mas depressa se apercebeu que não tinha outro remédio que ir montado nas botas.

E o feitor de abelada, o trabalho começou até que, avisado pelo laiaio o proprietário, eng. Capas e Sousa (que esteve preso aquando do 11 de Março por se ter tentado escapar com 18 000 contos num pneu do carro) compareceu no local.

— Então o que se passa?

— Oh sr. eng., isto são coisas

duras de ouvir mas o que se passa é o seguinte: isto ontem era só do senhor e hoje é da gente todos.

Acagaçado pela decisão e união dos trabalhadores, e percebendo que a resistência lhe podia ficar cara o fascista respondeu: “Muito bem! Muito bem!” E lá se foi de abalada...

O passo estava dado e nada mais trarvia os trabalhadores que logo ali tiveram uma noção mais exacta da sua força e das possibilidades que tinham em levar até ao fim o seu projecto. Pantouja, casa velha, Montess, Laranja, Ferreiro, Capela, Vinagra, enfim, todas as quintas que até ali eram exploradas pelo engenheiro Capas e Sousa e que se situam no perímetro de Viana do Alentejo foram recuperadas pelos seus verdadeiros donos, os trabalhadores.

ALFAIAS, GADO, SEARAS, GRÃO

— TUDO É FRUTO DO SUOR DOS TRABALHADORES

Recuperadas foram também todas as alfaias, o gado (ovelhas mais de 100 cabeças de vacas leiteiras, 45 novilhos prontos a abate, etc.). A cevada em armazém, a seara, enfim, tudo pronto ali se encontrava e que é o fruto de muitos anos de suor e até de fome dos 60 trabalhadores (homens e mulheres) que hoje trabalham 1 446 hectares de terra até ali desaproveitados.

Da ocupação foi dado conhecimento pelos próprios trabalhadores às Forças Armadas e ao IRA, bem como ao Governo Civil.

Não houve problemas. A princípio o Governo Civil e o IRA ainda hesitaram, mas depois tudo se resolveu - diz-nos um trabalhador.

— O IRA até nos está a ajudar a

resolver o caso dos 45 novilhos que temos para abate embora aqui e além se contradigam.

No caso é o seguinte: existem 45 novilhos com idade média de 24 meses e peso médio de 550Kgs. Ora o abate é urgente por duas razões: primeiro, porque o peso que ganham daqui para a frente já não compensa a ração que comem; depois, porque o subsídio dado pela Pecuária vai acabar porque a mudança dos dentes vai avançada.

COMO SEMPRE: AS MANOBRAS PARA DIVIDIR E REINAR

Acontece entretanto, que o eng. Capas e Sousa afirma ter vendido os novilhos e ter até já recebido o adiantamento. Mas os trabalhadores desconfiam da veracidade dessa afirmação e estão em crer que se trata de uma manobra do ex-proprietário. E explicam porque:

— Nós já aqui estamos há 4 semanas (altura em que foi feita a entrevista). Ora como é que se compreende que o tal comprador, a existir, não tenha ainda aparecido por cá para saber como as coisas iam? É que os novilhos valem cerca de 900 contos...! De maneira que estamos em crer que isto e mas é jogo do fascista.

De acordo com o IRA foi dado um prazo ao fulano para, no prazo de 3 dias, comparecer. Fizeram o aviso por carta registada de que guardem cuidadosamente o talão de registo.

Esperam, poi s os trabalhadores que o caso seja brevemente resolvido, até porque só falta a autorização do IRA para que os novilhos sejam entregues à Pecuária.

ACABAR COM OS INTERMEDIÁRIOS

— Vendemo-los directamente porque temos que evitar os intermediários que nos chupam uma parte do nosso trabalho.

A consciência dos trabalhadores da Cooperativa Agrícola das Galerias era mais longe o seu esforço no sentido de evitar os circuitos parasitários dos intermediários. É assim que pensam em formar uma cooperativa de consumo, adquirindo os produtos directamente da Cooperativa de Évora, bem como encaram todas as hipóteses para não se servirem de intermediários na aquisição de farinhas, distribuição de leite, venda do grão, etc. etc.

— Os intermediários são uns parasitas - dizem-nos com firmeza. Sem trabalho nenhum vêm sugar-nos uma parte importante do nosso trabalho.

UM PASSADO ESCLARECEDOR

A família do eng. Capas e Sousa tem um longo historial dentro e fora de Viana do Alentejo:

Para além do caso dos 18 mil contos, nenhum trabalhador de Viana esquece a presença da GNR que durante anos patrulhou as quintas para “guardar a bolota”, a pedido do engenheiro. Anos atrás, a mãe do eng. Capas e Sousa tinha envenenado trigo para semear; depois resolveu moê-lo para venda na vila, do que resultou a morte de pessoas, além de que “ainda hoje há pessoas que sofrem por causa da tal farinha envenenada pela mãe do engenheiro”.

Mais recentemente, há que pôr em consideração estes dois factos: quando se fala em batalha da

produção e em castigar os sabotadores, acontece que o eng. Capas e Sousa apenas explorava 200 hectares de sequeiro, e chegou ao cúmulo de dar grão aos animais. Ora a herdade é rica, até porque tem vasta área de regadio onde o eng. pretendia semear forragem!!!

Hoje os trabalhadores comentam: “é inacreditável. Tão boas terras de regadio e o malandro deixava-as ao abandono ou, no máximo, punha lá forragem. Nós lá já semeamos para colher grão (milho e feijão), que é o que faz falta ao país. E se mais não semeámos foi porque chegámos tarde. Isto só visto. A televisão devia cá vir e ver esta miséria, esta sabotagem que o bandido estava a fazer. Há aqui 8 poços, alguns com 18 metros de luz. Há água com fatura, só o que não era é aproveitado”.

As manobras para dividir os trabalhadores não se fizeram tardar. Assim, e à “socapa”, o feitor e o eng., ajudados por alguns senhores do partido socialista espalharam boatos. Primeiro, disseram ao IRA que a terra estava aproveitada; agora dizem que a gerência dos trabalhadores é o caos, mentem ao pessoal de Ariola, dizem que a produção de leite diminuiu, etc.

A verdade é que há hoje hectares semeados que estavam incultos antes da ocupação, o gado é tratado com todo o cuidado estando previstos melhoramentos nas suas instalações e a produção de leite tem até aumentado, ultrapassando agora os 7 000Kg por dia iniciais. Para além disto há que frisar que a ocupação deu emprego a mais de 60 pessoas (homens e mulheres), quando antes apenas lá trabalhavam 19 pessoas.

POSIÇÃO DO PRP-BR FACE AOS ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

Face aos últimos acontecimentos e ao comunicado do Conselho da Revolução entende o PRP-BR que se deve alertar os trabalhadores para a gravidade do momento actual e da nova fase em que se entrou, visto que as forças da contra-revolução encontram por um lado maiores possibilidades de movimentação e por outro o apoio objectivo por parte de todos aqueles que não optando efectivamente pelo poder dos trabalhadores, no momento decisivo mostram ou a sua face burguesa ou a sua face partidária. Perante a nova situação criada entende este partido que, os revolucionários e os trabalhadores devem fazer uma análise calma e exaustiva de modo a terem uma tática justa.

Tal como tem sido frequentemente analisado por este partido, a situação económica portuguesa não se compadece com soluções de meias-tintas ou de compromisso. A continuar a mesma situação, tudo se vai degradando, constituindo o óptimo terreno para a reacção. E não é a via social-democrata que encontrará saídas, nem tão pouco a via de capitalismo de Estado, em que se muda o padrão mas não se mudam as estruturas. A situação de indefinição que se mantem e se consagra no comunicado do C.R. é uma cartada nas mãos do imperialismo, para criar condições para o regresso ao passado o que só conseguirá através das mais violentas formas fascistas.

O Comunicado do C.R. caracteriza-se por tomar decisões que consagram a continuação do actual estado de coisas, envolvendo-as numa roupagem de esquerda. O comunicado constitui uma perigosa viragem à direita, por mais que a sua linguagem tente iludir alguns incautos. Assim consagra:

1 — A continuação do governo de coligação, que por demais já deu provas de ineficácia e que significa um governo de consiliação de classes. Que socialismo é que se quer construir com os representantes da burguesia?

2 — A manutenção da Assembleia Constituinte na qual têm assento partidos fascistas. Que constituição socialista é que se pretende que saia dum maioria parlamentar que representa interesses da burguesia nacional e internacional, que representa o imperialismo?

3 — O "pluralismo partidário" entendido no sentido em que se admite partidos que não defendam a opção socialista. Esses partidos existem? Exactamente para organizar a burguesia contra o proletariado.

4 — A ausência de clarificação do ponto de vista económico. Não basta contactar os dados de uma situação de grave crise económica. É necessário dizer as causas e apontar para as outras soluções, que não sejam apenas as de contenção e austeridade. A causa é o imperialismo e a solução tem de passar pelo corte com ele, pela ruptura com o capitalismo à escala internacional, virando-se a economia para as relações com o Terceiro Mundo. Ora, o imperialismo não aparece nem de perto nem de longe no comunicado do C.R. nem tão pouco tal palavra passa por tão alongado texto.

5 — "informação" que ao declarar-se não monolítica, se consagra monolítica. Porque o poder executivo passa a dispor de grandes meios de comunicação para propagar em exclusivo a sua "verdade". Na prática, a atitude do poder político e militar face aos trabalhadores do jornal "República" tem passado nos últimos dias de ambígua à de abandono, traindo assim uma notável luta revolucionária dos trabalhadores da informação contra o controle das cúpulas partidárias.

Esta é a grande vitória da direita, o que a leva a aplaudir o comunicado na Assembleia e a vir aplaudir-lo para a rua na manifestação do PS

da tarde de 23. Esta é uma grande vitória do imperialismo, que consegue ganhar tempo para recuperar a situação portuguesa. Esta é uma vitória da política de "coexistência pacífica".

Tudo o resto é mistificação. Chamar-se de "movimento de libertação" um movimento que baseia a sua estrutura no exército regular, herdado da burguesia com todas as suas características, é querer escamotear a situação concreta. Falar de "movimento de libertação", quando se pretendem desarmar os revolucionários e se mantêm armados todos aqueles que são por profissão militares por classe burguesa e conservadores, é fazer um uso abusivo do nome tão prestigiado pelas lutas dos explorados contra o opressor colonialista.

Esta é a reacção da burguesia contra o avanço imparável do proletariado, que nos últimos tempos, já não punha o problema das reivindicações, mas sim o problema do poder. A caminhada para a conquista do poder, de que a grandiosa manifestação do dia 17 dos Conselhos Revolucionários foi o marco mais alto, encontrou a vida reacção da burguesia. É quando o problema da tomada de poder se põe que se define quem está ou não do lado do proletariado. E no dia 17 o processo revolucionário chegou ao ponto em que essa definição tinha de se dar. É assim que vão ficando pelo caminho alguns dos aliados transitórios do proletariado. A vanguarda não podem ser nem os militares, nem os políticos da burguesia (não é de admirar que esta repudie a "ditadura do proletariado"). Têm de ser os próprios trabalhadores organizados autónoma e revolucionariamente. Por isso, a única organização de base e unitária possível é a dos Conselhos Revolucionários, porque eleitos em assembleia de local de trabalho, mandatados por ela e revogáveis a todo o momento. Quem pode rebater e com que argumentos esta estrutura? Os CDR, que surgiram posteriormente como manobra de divisão dos trabalhadores, constituem-se por auto-nomeação pondo portanto à cabeça elementos partidários, em que os outros trabalhadores não delegaram poderes por forma nenhuma. A terceira via, apontada pelo MES e cuja estrutura põe o MFA no topo, parece ao PRP-BR assentar no paternalismo deste movimento, não colocando de facto a questão do poder para e pelos trabalhadores e não associando o poder e as armas.

Os Conselhos Revolucionários são portanto a única solução para quem queira responder às questões da representatividade e do poder para os trabalhadores.

Contra eles e apoiando o Conselho da Revolução, juntam-se numa Santa Aliança os partidos de direita e os reformistas. Mas acreditamos que as bases de partidos

da classe operária não podem mais admitir compromissos e conciliações, como demonstrou a larga participação de militantes de vários partidos na manifestação dos Conselhos. É necessário neste momento, que os revolucionários e os trabalhadores se virem para a organização de massas num trabalho de esclarecimento e clarificação das posições de classe. É necessário reflectir e organizar para que os trabalhadores possam avançar com passos seguros no confronto final.

O PRP-BR aponta neste momento para a necessidade de análise e estudo cuidadoso da tática e toda a sua organização partidária se encontra em reflexão e discussão de modo a avançar uma tática, que tendo em consideração a nova situação, estude formas e níveis de luta, que permitam a continuação da resistência à reacção, sejam quais forem as formas que esta assumir.

A Comissão Executiva do PRP-BR

S e d e s

ALGÉS — Rua Victor Duarte Pedrosa, 15
ALGÉS DE CIMA

AMADORA — Rua Gonçalves Ramos, 40

BARREIRO — Rua Dr. Eusébio Leão, 31

BEJA — Rua Alexandre Herculano, 29

BRAGA — R. Santa Margarida, 169, 1.º

CARNIDE — Rua Neves Costa, 47

CASTELO BRANCO — Alameda da Liberdade, 16

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional 10
Tel. 2763267/2763397/2763122

COVILHÃ — Rua Visconde da Coriscada, 60

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, 21
Tel. 24998

FARO — Rua Dr. Cândido Guerreiro, 35

FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio

LAVRADIO — R. Dr. José Carcano Lobo, 12

LISBOA — Sede Central do Partido
Rua Castilho, 70 — Tel. 48119

Organização Regional de Lisboa
Av. da República, 75 (a abrir brevemente)

Jornal "Revolução"
Rua do Arco do Carvalho, 1, 5.º Dt.º — Tel. 682323

LOULÉ — Av. José da Costa Mealha, 39-1.º

MANGUALDE — Rua Nova, 20

MARINHA GRANDE — R. Marquês de Pompal, n.º 65

OLHÃO — Rua 18 de Junho, 64 B-C

PAREDE — R. Gomes Freire de Andrade, 1 — Tel. 2474142

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110 — Tel. 315759/315786

S. JOÃO DA MADEIRA — R. Jaime Afreixo, 152

SACAVÉM — Largo 5 de Outubro, 16-17

SETÚBAL — Colégio Frei Agostinho da Cruz
Rua Jorge de Sousa

VIANA DO CASTELO — Rua José Espargueira — Tel. 22558

VISEU — Rua Cândido dos Reis, 55

Universidades Proletárias

LISBOA — Av. 5 de Outubro, 68

ALMADA — R. Trindade Coelho — Cacilhas
(a abrir brevemente)

LUTA DOS TRABALHADORES DAS OFICINAS GERAIS DE MATERIAL AERONAUTICO (O.G.M.A.) -ALVERCA

Os trabalhadores da O.G.M.A., empresa com oficiais altamente reaccionários na direcção, estão em luta. Esta luta por melhores condições de trabalho e salários, arrasta-se desde o 25 de Abril, tando agora numa fase de agudização.

NO PRÓXIMO NÚMERO DA REVOLUÇÃO FAREMOS UMA REFERÊNCIA DETALHADA A ESTA LUTA.

Fase em que se encontra a luta:

— 25 de Junho de 1975 |— greve de 4 horas iniciada na 2.ª sessão de trabalho.

— 26 de Junho de 1975 |— greve de 6 horas iniciada às 10 horas da manhã.
Manifestação em frente ao C.E.M.F.A.

— 27 de Junho de 1975 — início da greve geral, até satisfação da tabela salarial.

A TÁCTICA DE GALILEO

(Mas no tempo de Galileo não havia massas proletárias organizadas)

«A L. U. A. R., as Brigadas Revolucionárias e a A. R. A. que combateram o fascismo, que têm todo um passado de resistência e de luta constituem, inquestionavelmente, verdadeiros aliados potenciais. Alguns dirão que essas organizações estão armadas e representa um perigo. É evidente que eu não reconheço nem admito que venham, a qualquer pretexto, com armas para a rua. Se assim for terei de proceder em conformidade com a lei.

Mas não posso, nem devo, entrar em litígio com esses aliados. Tenho, antes, de manter com eles uma permanente capacidade de diálogo, de recorrer a eles sempre que necessário e contar com o seu auxílio em alturas críticas, numa estreita cooperação com as forças militares e militarizadas, a fim de reconstruir um país novo, a Pátria renovada que todos desejamos»

Primeiro de Janeiro, 12/5/75

Os Conselhos Revolucionários se houver realmente uma travagem ou uma necessidade de arranque, poderão ser um extraordinário impulsor do próprio MFA, no sentido de garantir o apoio das massas trabalhadoras e dos elementos militares já perfeitamente consciencializados dessa revolução.

Expresso, 17/5/75

Não sei, não sei realmente, eu às vezes chego a pensar, nós na nossa inexperiência revolucionária, eu chego a pensar muitas vezes se teria sido melhor em Abril de 74, encostarmos à parede ou mandarmos para o Campo Pequeno umas centenas ou uns milhares de contra-revolucionários e tê-los eliminado à nascença. Tenho a certeza que a contra-revolução neste momento já não existia, pelo menos por medo, não é? Nós quisemos fazer uma revolu-

Declarações à Rádio Renascença, 14/6/75

ção humanista, uma revolução de cravos, muito bonita e estamos agora com um esforço tremendo para a conseguir levar a cabo. E oxalá também que não tenhamos que um dia encher a arena do Campo Pequeno com muitos contra-revolucionários, antes que os contra-revolucionários, nos metam a nós no Campo Pequeno. Portanto isto é uma análise muito subjectiva, muito superficial, mas tem aquilo que neste momento me ocorreu dizer, e obrigado, pá, pelo vosso convite de ter vindo aqui, pá. Muito obrigado.

nicado, que, apesar de se...
e semanas, tratado nesta página.
...qui ser res...
1 - Tem estado vindo a sem...
dias, um crescimento de tensão no país...
por múltiplos factores entre os quais avultam a reacção...
de grupos oportunistas e injustas, de manifestações...
do pagamento de uma catadupla de boatos alarmistas...
de emissões radiofónicas estrangeiras, mais acreditadas...
que as nacionais nos termos do velho figurino português...
tem dado inteiro aval, sabe-se lá com que delirante prazer.
2 - As especulações de toda a ordem, também tradi-
cionais, estas à volta da reunião prolongada de trabalho
realizado no Alfeite e das declarações produzidas no Mer-
cado do Povo, aos microfones da Rádio Renascença pelo
comandante-adjunto do COPCON, tem sido de molde a
perturbar ainda mais a opinião pública, criando excelente
campo de manobra a actividades de carácter reaccionário
ou de feição oportunista por parte de grupos políticos
de esquerda de fraca implantação a nível nacional.
3 - Assim aconteceu, ultimamente, com a criação e
empolamento dos chamados Conselhos Revolucionários
de Trabalhadores, Soldados e Marinheiros, que tiveram
a simpatia, publicamente manifestada, do comandante-
adjunto deste COPCON.
4 - Embora minimizadas pela opinião da mesma enti-
dade sobre a inoportunidade da sua criação, expendi-
da na ocasião, têm aqueles Conselhos Revolucionários a-
veitado o nome e projecção do general Otelo de Carvalho
junto das massas trabalhadoras, o seu prestígio perante
as Forças Armadas e a sua teoria largamente difundida
e seguida, de ligação do M. F. A. às massas populares,
com vista a diminuir o divisionismo provocado pelas lutas
desencadeadas entre as cúpulas dos grandes partidos r-
ticos nacionais e que têm sido um dos principais r-
do trabalho desenvolvido pelo M. F. A. para a
prática, para se guindarem a um nível de pr-
sença superior, tem vindo a provocar enor-
no seu...
«Agio admitir — uma adesão tot-
« O general Otelo...
Comunicado do COPCON, 19/5/75

CONTRADIÇÕES DUM PODER DIVIDIDO

O processo revolucionário em curso não é propriedade de nenhum partido político, nem sequer do MFA. O processo revolucionário terá que ser principalmente obra das massas populares e não se poderá compadecer com políticas partidárias que não sobrepõem o interesse nacional aos interesses dos Partidos.

Comunicado do Conselho da Revolução na manifestação do P. C. em 28/5/75

das classes mais desprotegidas. Tem é que ser o povo a fazer a sua própria revolução. Nós não queremos arvorar-nos em «papás» da revolução, não queremos ditar leis para a revolução, paternalisticamente. Deve ser o Povo Português, com as suas características próprias, dentro das condições em que se vive em Portugal, e a fazer a

Declaração de Vasco Lourenço "Jornal", 30/5/75

sua própria revolução, a decidir do seu próprio destino. O M.F.A. tentará criar condições para que o povo faça a revolução. E por isso é que eu não fico nada alarmado, às vezes, com determinadas situações, que para muita gente até podem ser um bocadinho anárquicas, «ilegais», digamos assim. Estamos numa revolução. Felizmente, até agora, sem tiros.»

Estamos, portanto, a viver uma situação revolucionária, factos então a revolução. O revolucionário não é brincadeira com palavras, o ser revolucionário é estar ligado ao povo, é identificar-se com ele e aplicar na prática a teoria que se defende. Ser revolucionário é ter a humildade de aceitar as ligações que o povo lhe dê, pois o povo é sempre a força principal de qualquer processo revolucionário. Já é tempo de haver uma política claramente definida, que o povo se una em torno da revolução, em vez de se dividir em lutas partidárias.

Comentário do ten. Bargão na T. V., 15/6/75

pelos órgãos locais e regionais do poder central. Terão ainda a vantagem de fomentar a partir da base a criação de forças dos diversos níveis, pela sua unidade na concretização dos objectivos.
Não serão admitidas, porém, organizações civis armadas, partidárias ou não, podendo entretanto, as organizações populares, por iniciativa do próprio MFA e sob o seu controlo e enquadramento, virem a desempenhar, em caso de emergência nacional, tarefas de autodefesa de objectivos vitais.
Dentro das Forças Armadas, não se poderão criar qualquer organização de carácter político-militar, partidárias ou não, estranhas ao MFA, devendo necessariamente todas as actividades...

Documento do Conselho da Revolução, 20/6/75

À IDA À VINDA

«É óbvio que as autoridades norte-americanas irão aproveitar esta minha estada nos Estados Unidos, bem como dos membros da delegação portuguesa, para continuarem a fazer uma síntese do nosso panorama político.»

Pinheiro de Azevedo "Diário Popular", 16/6/75

Esses boatos, segundo penso, vieram até a prolongar-se para além do que, normalmente, se considera necessário. Posso afirmar que, especialmente de sexta para sábado, chegou a manifestar-se mesmo uma ligeira perturbação nas autoridades americanas, o que deixou ver as apreensões que ainda se manifestam quanto à evolução da Revolução portuguesa».

Pinheiro de Azevedo "Século", 24/6/75

«Reacção muito favorável: o comunicado foi muito bem aceite» — assim definiu o almirante Pinheiro de Azevedo à sua chegada hoje a Lisboa, proveniente dos E. U. A., o modo como os responsáveis norte-americanos acolheram o comunicado do Conselho da Revolução, tornado público no passado sábado.

Pinheiro de Azevedo "Diário de Lisboa", 23/6/75

A MANIFESTAÇÃO DO DIA 17 DOS CONSELHOS REVOLUCIONÁRIOS TAL COMO FOI NOTICIADA PELA RADIO MOSCOVO.

Em Lisboa realizou-se uma concorrida manifestação. Em apoio ao MFA, milhares de operários, empregados, estudantes e soldados. Pronunciaram-se pelo fortalecimento dos vinculos entre os trabalhadores e o MFA e condenaram as acções das forças reaccionárias, que agravam a situação do país, e travam assim o processo de democratização.
Os manifestantes apoiaram a ideia da criação de comités populares em apoio ao MFA, formularam no fim da semana passada pelo partido comunista. Esta proposta está a ser agora estudada, no pleno Conselho da Revolução, cujas reuniões finais se realizaram actualmente em Lisboa.

A MANIFESTAÇÃO DO DIA 17 NOTICIADA PELA BBC EM 19 DE JUNHO DE 75

Otelo Saraiva de Carvalho, actualmente o homem mais poderoso de Portugal, em termos militares, bem como um elemento chave da facção da extrema-esquerda do MFA, parece insistir em que os seus camaradas do MFA, se coloquem à esquerda do partido comunista. Ele propõe a formação dos CRTSM que oferece uma base de poder político ao MFA, permitindo a abolição de partidos políticos.
O "Financial Times" refere-se à manifestação de ontem em Lisboa, em que a extrema esquerda pedia o termo da assembleia constituinte, e a formação de um governo de trabalhadores. A manifestação foi organizada pelas BR. Trabalhadores dos estaleiros de Lisboa, de vinte fábricas, da "República" e

da Emissora católica, marcharam para o edifício da A.C. onde minutos antes terminara um tumultuoso debate entre 250 deputados.
Diz ainda o Financial Times que a manifestação de ontem, é considerada pelos políticos como um esforço para apoiar Otelo S.C. e o COPCON, na sua ofensiva contra os partidos políticos, na tentativa de afastá-los do governo de coligação, e implantar um forte governo militar, apoiado pelos C.R.T. O COPCON apresentou este fim de semana um documento ao CR com as suas propostas para a orientação de Portugal para o socialismo. A última assembleia do MFA manifestava opiniões que se opunham a tais propostas.
Os comentadores têm salientado que a manifestação de força do COPCON quando egueu barricadas no último fim de semana, não é pura coincidência.
O regresso eminente de cerca de 14.000 soldados de Moçambique,

comandados pelo moderado almirante Vitor Crespo poderá também estar a provocar um alinhamento com Saraiva de Carvalho, a fim de forçar a questão, antes que os moderados contassem com reforços.
Ainda o F.T. diz que o Conselho da Revolução está agora preparado para aceitar a ideia de que os trabalhadores, quer numa fábrica quer num jornal deverão ter a última palavra na produção.
Refere também que, quando ontem um militar entregou simbolicamente a chave a um membro socialista do Comité de Trabalhadores da República, fundamentalmente o COPCON estava a apoiar a tomada do jornal pelos trabalhadores, e não a apoiar uma ofensiva comunista.
O que importa no Portugal revolucionário de hoje, mais do que qualquer coisa, é a viragem para a fortificação dos trabalhadores, a todos os níveis, e particularmente

através dos CRT, os quais têm o apoio de oficiais destacados do MFA tal como O.S.Carvalho.
Quanto ao Guardian trata ele sobretudo da questão dos CRTSM, a qual segundo o Guardian foi apresentado pelo gen. O.S.Carvalho, que o jornalista britânico condena ser hoje o ponto de vista militar, o homem mais poderoso em Portugal além de elemento chave do MFA.
Ainda segundo o "Guardian" Otelo S.C., está disposto a dar a estes CRTSM a aprovação do MFA, no entanto opõem-se duas facções, uma, é o do 1.º ministro pró-comunista para quem este tipo de estruturas de poder político do MFA funcionará como rival das sólidas posições já obtidas pelos comunistas nos sindicatos, autarquias locais e mass-média. A 2.ª facção é composta por aqueles oficiais do MFA que pensam que a revolução já foi suficientemente para a esquerda senão demais.

A TÁCTICA DE GALILEU

(Mas no tempo de Galileu não havia massas proletárias orgânicas)

«A L. U. A. R., as Brigadas Revolucionárias e a A. R. A. que combateram o fascismo, que têm todo um passado de resistência e de luta constituem, inquestionavelmente, verdadeiros aliados potenciais. Alguns dirão que essas organizações estão armadas e representa um perigo. É evidente que eu não precipito nem admito que venham, a qualquer pretexto, com armas para a rua. Se assim for terei de proceder em conformidade com a lei.»

Mas não posso, nem devo, entrar em litígio com esses aliados. Tenho, antes, de manter com eles uma permanente capacidade de diálogo, de recorrer a eles sempre que necessário e contar com o seu auxílio em alturas críticas, numa estreita cooperação com as forças militares e militarizadas, a fim de reconstruir um país novo, a Pátria renovada que todos desejamos.»

Primeiro de Janeiro, 12/5/75

Os Conselhos Revolucionários se houver realmente uma travagem ou uma necessidade de arranque, poderão ser um extraordinário impulsor do próprio MFA, no sentido de garantir o apoio das massas trabalhadoras e dos elementos militares já perfeitamente consensuados dessa revolução.

Expresso, 17/5/75

Não sei, não sei eu às vezes chego na nossa inexistência, eu chego às vezes se teria em Abril de 74, parede ou mand Campo Pequeno ou uns milhares de revolucionários e têm à nascença. Ter que a contra-revolução já não menos por medo quisemos fazer

Declarações à Rádio Renascença

CONTRADIÇÕES DUM PARTIDO

O processo revolucionário em curso não é propriedade de nenhum partido político, nem sequer do MFA. O processo revolucionário terá que ser principalmente obra das massas populares e não se poderá compadecer com políticas partidárias que não sobreponham o interesse nacional aos interesses dos Partidos.

Comunicado do Conselho da Revolução na manifestação do P. C. em 28/5/75

das classes mais desprotegidas. Tem é que ser o povo a fazer a sua própria revolução. Nós não queremos arvorar-nos em «papás» da revolução, não queremos ditar leis para a revolução, paternalisticamente. Deve ser o Povo Português, com as suas características próprias, dentro das condições em que se vive em Portugal, e a fazer a

Declaração de Vasco Lourenço "Jornal", 30/5/75

sua própria revolução, a decidir do seu próprio destino. O M.F.A. tentará criar condições para que o povo faça a revolução. É por isso que eu não fico nada alarmado, às vezes, com determinadas situações, que para muita gente até podem ser um bocadinho anárquicas. «Ilegais», digamos assim. Estamos numa revolução. Felizmente, até agora, sem tiros.»

À IDA

À VINDA

«É óbvio que as autoridades norte-americanas irão aproveitar esta minha estada nos Estados Unidos, bem como dos membros da delegação portuguesa, para continuarem a fazer uma síntese do nosso panorama político.»

Pinheiro de Azevedo
"Diário Popular", 16/6/75

Esses boatos, segundo penso, vieram até a prolongar-se para além do que, normalmente, se consideraria necessário. Posso afirmar que, especialmente de sexta para sábado, chegou a manifestar-se mesmo uma ligeira perturbação nas autoridades americanas, o que deixou ver as apreensões que ainda se manifestam quanto à evolução da Revolução portuguesa.»

Pinheiro de Azevedo
"Século", 24/6/75

«Reacção muito favorável: o comunicado foi muito bem aceite» — assim definiu o almirante Pinheiro de Azevedo a sua chegada hoje a Lisboa, proveniente dos E. U. A., o modo como os responsáveis norte-americanos acolheram o comunicado do Conselho da Revolução, tomado público no passado sábado.

O chefe do Estado-Maior da
Pinheiro de Azevedo
"Diário de Lisboa", 23/6/75

CA DE GALILEO

Galileo não havia massas proletárias organizadas)

Os Conselhos Revolucionários se houver realmente uma travagem ou uma necessidade de arranque, poderão ser um extraordinário impulsor do próprio MFA, no sentido de garantir o apoio das massas trabalhadoras e dos elementos militares já perfeitamente consensualizados dessa revolução.

Expresso, 17/5/75

Não sei, não sei se realmente, eu às vezes chego a pensar, nós na nossa in experiência revolucionária, eu chego a pensar muitas vezes se teria sido melhor em Abril de 74, encostarmos à parede ou mandarmos para o Campo Pequeno umas centenas ou uns milhares de contra-revolucionários e tê-los eliminado à nascença. Tenho a certeza que a contra-revolução neste momento já não existia, pelo menos por medo, não é? Nós quisemos fazer uma revo-

Declarações à Rádio Renascença, 14/6/75

lução humanista, uma revolução de cravos, muito bonita e estamos agora com um esforço tremendo para a conseguir levar a cabo. E oxalá também que não tenhamos que um dia encher a arena do Campo Pequeno com muitos contra-revolucionários, antes que os contra-revolucionários, nos metam a nós no Campo Pequeno. Portanto isto é uma análise muito subjectiva, muito superficial, mas tem aquilo que neste momento me ocorreu dizer, e obrigado, pá, pelo vosso convite de ter vindo aqui, pá. Muito obrigado.

ÇÕES DUM PODER DIVIDIDO

das classes mais desprotegidas. Tem é que ser o povo a fazer a sua própria revolução. Nós não queremos arvorar-nos em «papás» da revolução, não queremos ditar leis para a revolução, paternalisticamente. Deve ser o Povo Português, com as suas características próprias, dentro das condições em que se vive em Portugal, e a fazer a

sua própria revolução, a decidir do seu próprio destino. O M.F.A. tentará criar condições para que o povo faça a revolução. E por isso é que eu não fico nada alarmado, às vezes, com determinadas situações, que para muita gente até podem ser um bocadinho anárquicas. «Ilegais», digamos assim. Estamos numa revolução. Felizmente, até agora, sem tiros.»

Estamos, portanto, a viver uma situação revolucionária, fazemos então a revolução.

Se revolucionário não é brincar com palavras, o ser revolucionário é estar ligado ao povo, é identificar-se com ele e aplicar na prática a teoria que se defende. Ser revolucionário é ter a humildade de aceitar as ligações que o povo lhe dê, pois o povo é sempre a força principal de qualquer processo revolucionário. Já é tempo de haver uma política claramente definida, que o povo se una em torno da revolução, em vez de se dividir em lutas partidárias.

Comentário do ten. Bargão na T. V., 15/6/75

Declaração de Vasco Lourenço "Jornal", 30/5/75

A MANIFESTAÇÃO DO DIA 17 DOS CONSELHOS REVOLUCIONÁRIOS TAL COMO FOI NOTICIADA PELA RADIO MOSCOVO.

Em Lisboa realizou-se uma concorrida manifestação. Em apoio ao MFA, milhares de operários, empregados, estudantes e soldados. Pronunciaram-se pelo fortalecimento dos vinculos entre os trabalhadores e o MFA e condenaram as acções das forças reacçãoárias, que agravam a situação do país, e travam assim o processo de democratização.

Os manifestantes apoiaram a ideia da criação de comités populares em apoio ao MFA, formulada no fim da semana passada pelo partido comunista. Esta proposta está a ser agora estudada, no pleno Conselho da Revolução, cujas reuniões finais se realizaram actualmente em Lisboa.

A MANIFESTAÇÃO DO DIA 17 NOTICIADA PELA BBC EM 19 DE JUNHO DE 75

Otelo Saraiva de Carvalho, actualmente o homem mais poderoso de Portugal, em termos militares, bem como um elemento chave da facção da extrema-esquerda do MFA, parece insistir em que os seus camaradas do MFA, se coloquem à esquerda do partido comunista. Ele propõe a formação dos CRTSM que oferece uma base de poder político ao MFA, permitindo a abolição de partidos políticos.

O "Financial Times" refere-se à manifestação de ontem em Lisboa, em que a extrema esquerda pedia o termo da assembleia constituinte, e a formação de um governo de trabalhadores. A manifestação foi organizada pelas BR. Trabalhadores dos estaleiros de Lisboa, de vinte fábricas, da "República" e

da Emissora para o edutos antuo debr

Diz ainda a manifestação considerada um esforço pelo COPCON os partidos afastá-los e impla militar, COPCON semana u as suas p de Portu última a nifestava a tais pro Os cor que a n COPCO no últim pura coir O regr 14.000 :

VINDA

tos, segundo penso, é a prolongar-se pelo que, normalmente, não é necessário. O importante é garantir que, especialmente para sábado, não se manifestem perturbações americanas, para não se manifestem ainda se manifestem à evolução da Revolução Portuguesa».

«Reacção muito favorável: o comunicado foi muito bem aceite» — assim definiu o almirante Pinheiro de Azevedo à sua chegada hoje a Lisboa, proveniente dos E. U. A., o modo como os responsáveis norte-americanos acolheram o comunicado do Conselho da Revolução, tornado público no passado sábado.

O chefe do Estado-Maior da

Pinheiro de Azevedo "Diário de Lisboa", 23/6/75

16/75

LILEO

izadas)

almente, asar, nós revolu- sar mui- o melhor stamos á para o centenas tra-revo- liminado certeza ão neste tia, pelo é? Nós a revo-

ca, 14/6/75

lução humanista, uma revolução de cravos, muito bonita e estamos agora com um esforço tremendo para a conseguir levar a cabo. E oxalá também que não tenhamos que um dia encher a arena do Campo Pequeno com muitos contra-revolucionários, antes que os contra-revolucionários, nos metam a nós no Campo Pequeno. Portanto isto é uma análise muito subjectiva, muito superficial, mas tem aquilo que neste momento me ocorreu dizer, e obrigado, pá, pelo vosso convite de ter vindo aqui, pá. Muito obrigado.

PODER DIVIDIDO

Estamos, portanto, a viver na situação revolucionária, famos então a revolução. Ser revolucionário não é brincar com palavras, o ser revolucionário é estar ligado ao povo, identificar-se com ele e aplicar a prática a teoria que se defende. Ser revolucionário é ter a humildade de aceitar as ligações que o povo lhe dê, pois o povo é sempre a força principal de qualquer processo revolucionário. Já o tempo de haver uma política claramente definida, que o povo tenha em torno da revolução, a vez de se dividir em lutas partidárias.

mentário do ten. Bargão
V., 15/6/75

MANIFESTAÇÃO DO DIA 17 DOS CONSELHOS REVOLUCIONÁRIOS TAL COMO FOI NOTICIADA PELA RÁDIO MOSCOVO.

Em Lisboa realizou-se uma concorrida manifestação. Em apoio ao MFA, milhares de operários, empregados, estudantes e soldados, renunciaram-se pelo fortalecimento dos vínculos entre os trabalhadores e o MFA e condenaram as acções das forças reacçãoárias, que agravam a situação do país, e travam assim o processo de democratização. Os manifestantes apoiaram a ideia da criação de comités populares em apoio ao MFA, formulando no fim da semana passada o plano do partido comunista. Esta proposta está a ser agora estudada, o pleno Conselho da Revolução, as próximas reuniões finais se realizaram actualmente em Lisboa.

A MANIFESTAÇÃO DO DIA 17 NOTICIADA PELA BBC EM 19 DE JUNHO DE 75

Otelo Saraiva de Carvalho, actualmente o homem mais poderoso de Portugal, em termos militares, bem como um elemento chave da facção da extrema-esquerda do MFA, parece insistir em que os seus camaradas do MFA, se coloquem à esquerda do partido comunista. Ele propõe a formação dos CRTSM que oferece uma base de poder político ao MFA, permitindo a abolição de partidos políticos. O "Financial Times" refere-se à manifestação de ontem em Lisboa, em que a extrema esquerda pedia a formação de um governo de trabalhadores. A manifestação foi organizada pelas BR. Trabalhadores dos estaleiros de Lisboa, de vinte fábricas, da "República" e

da Emissora católica, marcharam para o edifício da A.C. onde minutos antes terminara um tumultuoso debate entre 250 deputados. Diz ainda o Financial Times que a manifestação de ontem, é considerada pelos políticos como um esforço para apoiar Otelo S.C. e o COPCON, na sua ofensiva contra os partidos políticos, na tentativa de afastá-los do governo de coligação, e implantar um forte governo militar, apoiado pelos C.R.T. O COPCON apresentou este fim de semana um documento ao CR com as suas propostas para a orientação de Portugal para o socialismo. A última assembleia do MFA manifestava opiniões que se opunham a tais propostas. Os comentadores têm salientado que a manifestação de força do COPCON quando egueu barricadas no último fim de semana, não é pura coincidência. O regresso eminente de cerca de 14.000 soldados de Moçambique,

nicado, que, apesar de se...
semanas tratada, nesta página.
1 - Tem estado vindo a sentir nos últimos dias, um crescente aumento de tensão no país, provocado por múltiplos factores entre os quais avultam a reacção de grupos oportunistas e injustas, de manifestações de descontentamento de uma catadupa de boatos alarmistas, de emissões radiofónicas estrangeiras, mais acreditadas, que as nacionais nos termos do velho figurino português, e que, em dado inteiro aval, sabe-se lá com que delirante prazer.
2 - As especulações de toda a ordem, também tradicionais, estas à volta da reunião prolongada de trabalho realizado no Alfeite e das declarações produzidas no Mercado do Povo, aos microfones da Rádio Renascença pelo comandante-adjunto do COPCON, tem sido de molde a perturbar ainda mais a opinião pública, criando excelente campo de manobra a actividades de carácter reacçãoário ou de feição oportunista por parte de grupos políticos de esquerda de fraca implantação a nível nacional.
3 - Assim aconteceu, ultimamente, com a criação e empolamento dos chamados Conselhos Revolucionários de Trabalhadores, Soldados e Marinheiros, que tiveram a simpatia, publicamente manifestada, do comandante-adjunto deste COPCON.
4 - Embora minimizadas pela opinião da mesma entidade sobre a inoportunidade da sua criação, expendida na ocasião, têm aqueles Conselhos Revolucionários, apesar de o nome e projecção do general Otelo de Carvalho junto das massas trabalhadoras, o seu prestigio perante as Forças Armadas e a sua teoria largamente difundida e seguida, de ligação do M. F. A. às massas populares, com vista a diminuir o divisionismo provocado pelas lutas desencadeadas entre as cúpulas dos grandes partidos políticos nacionais e que têm sido um dos principais obstáculos ao trabalho desenvolvido pelo M. F. A., para a unidade política, para se guindarem ao nível de poder revolucionário, tem vindo a provocar enormentemente a polémica. Não se pode negar, no entanto, a importância admitida - uma adesão total.
- O general Otelo

Comunicado do COPCON, 19/5/75

orgãos locais, regionais do poder central. Terão ainda a vantagem de fomentar a partir da base a consecução dos esforços dos diversos sectores, pela sua unidade na concretização dos objectivos.
Não serão admitidas, porém, organizações civis armadas, partidárias ou não, podendo, entretanto, as organizações populares, por iniciativa do próprio MFA e sob o seu controlo e enquadramento, virem a desempenhar, em caso de emergência nacional, tarefas de autodefesa de objectivos vitais.
Dentro das Forças Armadas, não se quer organizar estruturas de carácter político-militar, partidárias ou não, estranhas ao MFA, devendo, no entanto, ter o carácter de

Documento do Conselho da Revolução, 20/6/75

comandados pelo moderado almirante Vitor Crespo poderá também estar a provocar um alinhamento com Saraiva de Carvalho, a fim de forçar a questão, antes que os moderados contassem com reforços. Ainda o F.T. diz que o Conselho da Revolução está agora preparado para aceitar a ideia de que os trabalhadores, quer numa fábrica quer num jornal deverão ter a última palavra na produção. Refere também que, quando ontem um militar entregou simbolicamente a chave a um membro socialista do Comité de Trabalhadores da República, fundamentalmente o COPCON estava a apoiar a tomada do jornal pelos trabalhadores, e não a apoiar uma ofensiva comunista. O que importa no Portugal revolucionário de hoje, mais do que qualquer coisa, é a viragem para a fortificação dos trabalhadores, a todos os níveis, e particularmente

através dos CRT, os quais têm o apoio de oficiais destacados do MFA tal como O.S.Carvalho. Quanto ao Guardian trata ele sobretudo da questão dos CRTSM, a qual segundo o Guardian foi apresentado pelo gen. O.S.Carvalho, que o jornalista britânico condena ser hoje o ponto de vista militar, o homem mais poderoso em Portugal além de elemento chave do MFA. Ainda segundo o "Guardian" Otelo S.C., está disposto a dar a estes CRTSM a aprovação do MFA, no entanto opõem-se duas facções, uma, é o do 1.º ministro pró-comunista para quem este tipo de estruturas de poder político do MFA funcionará como rival das sólidas posições já obtidas pelos comunistas nos sindicatos, autarquias locais e mass-média. A 2.ª facção é composta por aqueles oficiais do MFA que pensam que a revolução já foi suficientemente para a esquerda senão demais.

ANGOLA

Situação em Angola



Continuação pág. 10

mos anseios do povo angolano, coexistam ao lado de outras que mais não são do que agentes do imperialismo.

Nito Alves, o comandante da 1.ª região político-militar de Angola, foi muito claro ao afirmar, no passado dia 8 de Maio, que o MPLA decidira passar à ofensiva pois, na actual fase da luta do povo angolano (a qual, segundo o camarada J. Landoit, "representa um processo continuador da luta de libertação nacional" (2), a luta armada ofensiva é a única atitude coerente revolucionária e capaz de conduzir o povo angolano até à vitória final sobre o imperialismo e o neo-colonialismo.

E assim que, após se ter limitado a uma atitude defensiva durante as duas grandes ofensivas terroristas desencadeadas pela FNLA, o MPLA lançou no final do mês de Maio uma vigorosa ofensiva que se saldou numa verdadeira limpeza de zonas consideradas como muito importantes do ponto de vista estratégico (caso dos eixos Luanda-St.º António do Zaire e Luanda-Malange), o que não impediu que a FNLA tenha lançado uma contra-ofensiva nos dias 4, 5 e 6 deste mês de Junho.

AS DIVERSAS POSIÇÕES QUE SE TOMAM EM PORTUGAL

Se, por tudo o que atrás ficou dito compreendemos que a única atitude coerentemente revolucionária em Angola é apoiarmos a luta armada do povo angolano, organizado em torno do seu MPLA, passemos agora em revista o que têm sido as posições tomadas em Portugal.

O MFA defende o "neutralismo activo", a não ingerência nos assuntos internos da competência do Governo de Transição de Angola, o escrupuloso cumprimento dos acordos estabelecidos e uma posição claramente neo-colonialista em relação à UNITA, se ativermos às características deste movimento.

"Cabe uma referência à UNITA, terceiro e mais recente dos movimentos de

Para além destes acontecimentos, temos ainda que atender que "as forças zaienses, concentradas junto à fronteira, constituem uma ameaça à paz e à integridade territorial, concedendo abertamente apoio a organizações fantoches e cessionistas, unicamente movidas pela ambição e pela sede de poder" (3), o que, na prática, levou ao desaparecimento da fronteira norte e nordeste.

Assim, dado que a linha de demarcação entre Angola e o Zaire está completamente desguarnecida, o MPLA encontra-se numa situação altamente desfavorável sob o ponto de vista militar, até porque não tem nenhum país vizinho amigo (par mais com cerca de 2.500 Km de fronteira comum!) que o apoie descaradamente, como faz o Zaire à FNLA.

Tudo isto faz com que a única solução que existe para a libertação do povo angolano, na sua luta anti-imperialista e anti-colonialista, seja a da via armada e a da organização em torno da sua vanguarda de luta, o MPLA, o qual, estando empenhado numa luta armada revolucionária, merece todo o nosso apoio.

libertação e que pode vir a desempenhar um papel muito importante em Angola, dentro dum projecto real de independência nacional, que impeça que surja na África Austral um foco reaccionário que faça alastrar a agitação a outros países. Dai o apoio crescente que diversos países africanos de cariz progressista, prestam actualmente a este movimento, que tem tomado uma posição de neutralidade face aos conflitos entre a FNLA e o MPLA, ao mesmo tempo que se define como um movimento de carácter progressista e anti-imperialista opondo-se às manobras reaccionárias, venham donde vi eram". (4)

Francamente! E preciso coragem para afirmar que um movimento que, antes do 25 de Abril pedia armas a Luz Cunha para

combater o MPLA, tem um carácter progressista!...

Desconhecerá o MFA que a UNITA o MFA pretende evitar o êxodo dos colonos para Portugal?

Seja como for, a verdade é que a posição das autoridades portuguesas face à UNITA tem de ser desmascarada desde já, dado que só há um nome para a qualificar: neo-colonialismo.

Se, por outro lado, o MFA pretende com esta posição levar por diante aquilo que admite poder vir a ser uma aliança tática entre a UNITA e o MPLA, está a redondente enganado, pois os revolucionários do MPLA não alinham em jogadas desse género.

De resto, já Lúcio Lara, ao regressar de Pequim, havia criticado duramente uma deslocação de Vitor Alves ao Zaire, dizendo a propósito:

"...não podemos deixar de manifestar o nosso desacordo e estranheza, por esta romaria -chamo-lhe assim- que o Governo português entende fazer ao Zaire (...) Essas visitas e contactos deveriam ter lugar com todos os países vizinhos, mas antes de mais com todos os movimentos de libertação, porque somos os primeiros interessados. Não temos tido uma assiduidade de visitas nem uma discussão profunda dos problemas (...) Não temos só como vizinho o Zaire; há também a Zâmbia, o Congo e outros países africanos e há a Tanzânia que tanto deu pelo povo de Angola e não observamos nenhuma romaria a esses países por parte das autoridades portuguesas. Porquê?" (5)

A DIREITA

Seja através de comunicados ou de recepções em que se apoia a UNITA, seja aplaudindo a actuação do Alto Comissário, seja estabelecendo ligações com individualidades reaccionárias do Zaire, seja ainda criando centros de acolhimento para os refugiados de Angola, o PS, PPD e o CDS têm mostrado bem qual é a sua opção de classe, continuando entretanto, a fazer apelos líricos ao entendimento entre os três movimentos angolanos.

A ESQUERDA

Se é um facto que todas as organizações, excepção feita às maoistas, desde o PCP para a esquerda dizem apoiar

o MPLA, não é menos verdade que esse apoio deixa muito a desejar.

Com efeito, mais importante do que promover iprnadas de solidariedade ao MPLA, é explicar às massas trabalhadoras a inter-ligação entre o processo angolano e o português, bem como a respectiva interdependência - um dos aspectos desta interdependência está em que o capitalismo continua em Angola como antes do 25 de Abril, e não é com estas estruturas que Angola nos poderá ajudar, economicamente, a ver cer o bloqueio a que já estamos sujeitos.

Além dis to, nem todas as forças que se reclamam de esquerda apoiam explicitamente a luta armada do MPLA, talvez porque nunca tenham sentido a necessidade de a praticar antes do 25 de Abril...

E que não basta apoiar em palavras o MPLA - há que fazer com que a classe operária portuguesa entenda a justeza e pertinência da actual forma de luta do LA.

Por outro lado, observamos que em manifestações de apoio ao MPLA, os militantes do PCP (que têm de resto, a preocupação de levar um "crachat" ou emblema do seu partido ...) não gritam as palavras de ordem "Alto Comissário fora de Angola!" e "Armas, já, para o MPLA!". De resto, ainda não nos esquecemos que, aquando da morte de Vitor Bernardes em 14 de Agosto de 1974, o PCP emitiu um comunicado reprovando a manifestação em favor do MPLA. Recordemos, a propósito, que a Casa de Angola havia apoiado esta manifestação.

Uma palavra ainda sobre todas as organizações que se reclamam maoistas: que sentido tem não se apoiar o MPLA só pelo facto de receber algum apoio (não tanto como deveria ser...) da União Soviética? Ou será que, agora que uma delegação do MPLA foi à China, já irão apoiar o MPLA, por este começar a sair da esfera do "social-imperialismo"?

Parece-nos que os maoistas têm de que reconhecer qual a verdadeira vanguarda da luta do povo angolano e, uma vez isso feito, apoiarem-na.

A menos que digam, com uma difícil ginástica política, que apoiam apenas a luta do povo angolano o qual, no seu entender, ainda não tem uma vanguarda

O REACCIONARISMO DA UNITA

Se a FNLA está já perfeitamente identificada com a organização que serve directamente os interesses do imperialismo e do seu laçao Mobutu, Presidente do Zaire, a verdade é que nos parece oportuno clarificar o que é a UNITA, o que pode servir para refrescar a memória a muita gente que parece fazer-se esquecida ou ignorante...

Já referimos acima, quando abordamos a posição recentemente assumida pelo MFA, a atitude objectivamente neo-colonialista do MFA neste aspecto.

Por sua vez o ministro Almeida Santos, que há cerca de um mês, em carta respos-

ta a Portela Filho se afirmar simpatizante do MPLA, afirmou no acto inaugural da delegação da UNITA em Lisboa (Campo Grande, 16 '2.º) que este movimento "está com Portugal no sincero desejo de estabelecer a paz, de estabelecer a unidade, a unicidade, de estabelecer para todo o sempre a verdadeira independência de Angola".

Se atendermos agora às declarações prestadas por Toni Fernandes, dirigente da UNITA, que passou em Lisboa em trânsito para Nairobi ("o programa do MPLA e o programa da UNITA aproximam-se.

ANGOLA

Situação em Angola



(Continuação da pág. 11)

Agora na actuação o problema é diferente. A FNLA actua mais aproximada da UNITA do que o MPLA"; se nos lembramos que a UNITA apoia a facção direita da SWAPO (movimento de Libertação de Namíbia); se nos lembramos que é este o movimento eleito pelos colonos racistas e reaccionários como possível salvador de Angola; se nos lembramos que esta organização é apoiada e aplaudida pelo CDS em recente comunicado; se nos lembramos que Savimbi em recente visita a Paris tratou de sossegar o capitalismo europeu, recebendo em troca o preço da venda de uma nação aos interesses imperialistas e, finalmente, se atendermos ao que foi o criminoso pedido de armamento a Luz

Cunha (então governador militar de Angola), com o fim de combater o MPLA, favorecendo deste modo o imperialismo e o colonialismo português, como poderá haver quem, pretendendo-se revolucionário, se atreva a chamar independente e progressista à UNITA?

Uma palavra mais sobre a actuação da UNITA nos últimos incidentes - saindo da hipócrita neutralidade e passividade militar em que se encontrava, este movimento, quando agiu com a força das armas, colocou-se de imediato ao lado dos assassinos da FNLA tal como, de resto, vinha já fazendo no sul, onde as suas actuações eram já bastante semelhantes às que a FNLA tinha no norte do país.

ELEIÇÕES — QUE POSSIBILIDADES?

O Acordo do Alvor previa, e o de Nakuru veio confirmar, a realização de eleições em fins de Outubro com vista à eleição duma Assembleia Constituinte.

Se bem que ainda não esteja promulgada qualquer lei fundamental sobre o recenseamento, a verdade é que o recente acordo de Nakuru fixa uma data para esse efeito (até 15 de Julho). É, pois, altura para perguntarmos que eleições podem existir numa nação que através da luta armada luta pela sua independência?

Quando um povo se levanta armado para escorraçar do seu país os traidores ao serviço do imperialismo, que sentido tem falarmos em eleições (à boa maneira burguesa da Europa Ocidental...), se temos frente a frente movimentos que exprimem interesses antagónicos?

Além disto, começamos já a assistir aos mais diversos golpes sujos perfeitamente enquadrados numa óptica eleitoralista. Assim, o Zaire afirma ter entre 1 a 2 milhões de refugiados angolanos, os quais deverão também ser recenseados. Con-

tudo, cálculos feitos a partir dos últimos censos, demonstram não ser possível a existência de mais do que 450 000 refugiados angolanos no Zaire.

Claro que estes refugiados apoiariam a FNLA, daí o interesse do Zaire em afirmar que indivíduos zaienses são angolanos...

Entretanto, e a propósito, os jornais afirmam que, segundo o comunicado conjunto emitido pelas delegações portuguesa e zairense, o Zaire está deveras preocupado com os ex-gendarmes catangues reuigiados em Angola e que, o ano passado, recusaram em bloco a "amnistia" de Mobutu. Segundo o mesmo comunicado a delegação portuguesa assumia o compromisso de fazer todos os esforços para que estes 5.000 gendarmes do exército do Catanga, que após a intervenção da ONU se refugiaram em Angola, não entrassem em conflito com o Zaire.

Em suma, neste momento de tensão nacional e internacional, que possibilidade há para as eleições?

O ACORDO DE NAKURU E AS PERSPECTIVAS DE LUTA

Uma vez concluído o acordo de Nakuru e apesar de aí se ter estabelecido a criação de um exército angolano composto por 30.000 homens e se ter mantido a data de independência para 11 de Novembro (tendo-se mesmo confirmado as eleições para final de Outubro), nada indica que a solução do conflito angolano tenha sido encontrada.

A natureza e a opção de classe da FNLA e da UNITA mantêm-se, pelo que, nestas condições, os problemas de uma nação nunca poderão ser resolvidos por acordos formais (como, por exemplo, não foi o Acordo de Paris que resolveu a situação no Vietnam).

Podemos, então, perguntar porque motivo esteve o MPLA presente na cimeira, se ela não resolve, na prática, os problemas da nação angolana.

Claro que não nos passa pela cabeça darmos lições ao MPLA, nem mesmo responder em seu nome mas, de facto, parece-nos que foi importante o MPLA estar presente na cimeira do Quênia. E isto por duas razões. Por um lado, porque mostrou estar disposto a negociar com o inimigo, o que faz parte de toda e qualquer tática inteligente; por outro lado, porque, durante o lapso de tempo da cimeira, o MPLA, aproveitando-se de uma relativa pausa militar a que o inimigo se viu forçado, deve ter reorganizado e reforçado as suas posições no campo de batalha.

Seja como for, a realidade é que, neste momento, há boas condições para o MPLA levar por diante a sua luta armada de libertação do povo angolano, custe isso o tempo que custar, acarrete isso os sacrifícios que forem necessários (incluindo, é claro, as perdas humanas).

Apesar do MPLA saber que a situação não lhe é favorável sob o ponto de vista militar nos distritos do Zaire e do Uige (zonas que, por serem contíguas ao Zaire, são dominadas pela FNLA), apesar de saber que o inimigo tem um poderoso armamento que lhe é dado pelo imperialismo, os combatentes e militantes do MPLA sabem que a história nos ensina que nenhuma força, por maior que seja (lembramo-nos dos heróicos povos da Indochina) é capaz de vencer um povo empenhado numa luta de libertação e independência nacional.

Ora o povo angolano, caldeado por 13 anos de luta armada contra o colonialismo, tem mostrado não hesitar em prosseguir esta mesma forma de luta contra o imperialismo e os seus agentes neo-colonialistas, estejam eles na FNLA e na UNITA, estejam eles numa eventual intervenção das tropas da ONU.

Por tudo isto não é possível neste momento, prever quando chegará o dia em que Angola alcance a sua independência, sendo, contudo, absolutamente certo que só o desenrolar da luta armada pode definir a data da independência angolana.

Talvez que, quem sabe, Angola venha mesmo a ser independente antes de 11 de Novembro, em condições tais que os acordos até agora firmados não faziam, de modo algum, prever.

Seja como for, mais tarde ou mais cedo, o heróico povo angolano e o seu glorioso MPLA vencerão, porque a luta que o MPLA trava em Angola é uma luta justa que se enquadra e apoia nas massas, única forma da luta armada adquirir uma dimensão genuinamente revolucionária.

Assim, A VITÓRIA É CERTA.

Junho de 1975

- (1) - Mensagem do camarada Presidente Agostinho Neto à manifestação de apoio ao MPLA.
- (2) - Mesa redonda do Jornal Novo, em 19 de junho de 1975.
- (3) - Mensagem do camarada Presidente

Agostinho Neto à manifestação de apoio ao MPLA.

- (4) - Boletim especial do MFA dedicado a Angola; os sublinhados são nossos.
- (5) - Declarações de Lúcio Lara ao Diário de Notícias.



MOÇAMBIQUE INDEPENDENTE

Passados precisamente 13 anos sobre a fundação da FRELIMO, eis que este movimento assume o poder da jovem República Popular de Moçambique.

A independência de Moçambique constitui um acontecimento de importância excepcional, não apenas por provocar uma alteração e um desequilíbrio substanciais, em termos de força na África Austral, mas também porque é uma vez mais, a prova clara e coerentemente revolucionária que, perante um povo em armas, não há qualquer agressor colonialista e imperialista, por maior que seja a sua força militar, capaz de vencer a vontade de libertação dum povo.

Para além de tudo isto, Moçambique independente é, tal como já o era a Guiné-Bissau, um país de língua portuguesa com características políticas revolucionárias e, para mais, com um próspero futuro à sua frente como país socialista, o que é facilitado pelas suas enormes riquezas naturais.

foram esmagadas porque se tratavam de acções isoladas, sem ligação", que os militantes fundadores da FRELIMO (porque compreenderam esta situação) juntaram-se "em 25 de Junho de 1962 para porem em comum todas as suas capacidades e esforços, a fim de construir um instrumento de luta capaz de derrubar a dominação colonial no nosso país" (S. Machel no 10.º Aniversário da fundação da FRELIMO).

Uma vez passado o período que vai até 25 de Setembro de 1964, dia em que no distrito de Cabo Delgado, em Chai, a FRELIMO, que não tinha então mais que 250 combatentes mal armados desencadeou a luta armada, uma vez passado este período, dizíamos, a FRELIMO viu-se a braços com uma crise que coincide com o início da luta armada. E assim que alguns militantes defendem posições estreitamente nacionalistas definindo o inimigo como qualquer elemento de raça branca.

Por outro lado, uma outra tendência que veio a prevalecer, di-

o racismo e o tribalismo leva ao afastamento de Lázaro Kavan-dame.

Segue-se, em Fevereiro de 1969, o bárbaro assassinato de Eduardo Mondlane, numa altura em que a guerrilha atingia já os distritos de Cabo Delgado, Niassa e Tete.

A direcção da FRELIMO é, então entregue a um triunvirato composto por Samora Machel, Marcelino dos Santos (até então secretário político da organização) e Uria Simango, o último dos quais viria a em 1970, a presidência e vice-presidência da FRELIMO são ocupadas, respectivamente, por Samora Machel e Marcelino dos Santos.

Entretanto, o 2.º Congresso da FRELIMO que se realizara em Julho de 1968, havia já sido um marco importante na ultrapassagem dos problemas deste movimento.

ACTUAÇÃO DA FRELIMO

A luta deste movimento nunca se quedou por uma mera atitude guerrilheira, desenquadrada das massas.

Assim, se é um facto que a luta armada que se desenvolvia especialmente nas zonas rurais, era o elemento mais explicitamente actuante desta organização, não é menos verdade que a luta política clandestina nas cidades e noutras zonas sob o controle colonial nunca foi abandonada.

Deste modo atingia a FRELIMO não apenas o campesinato mas também o proletariado e outros sectores explorados da população sabendo, assim, ser a organização contínuadora da luta, para citar só alguns exemplos, dos estivadores de Lourenço Marques, dos trabalhadores do arroz e dos pescadores de Manica-Sofala bem como dos trabalhadores de algodão que, em Julho de 1960, durante o célebre levantamento de Mueda, viram 600 camaradas seus massacrados e muitos outros presos.

Sabendo que a violência é a "parteira da nova sociedade" a FRELIMO confirmou através da sua luta armada que "a guerra é a forma suprema de política".

Altamente empenhada na realização dum linha de massas e tendo à sua frente Samora Machel, um revolucionário de craveira superior que sabe, como muito poucos, aliar de uma forma eminentemente revolucionária o trabalho teórico ao prático, a FRELIMO constituiu-se ao longo destes 13 anos, durante os quais teve que ultrapassar diversas contradições, como um movimento com grande democracia interna, que recusa as decisões buro-



situava logo à partida o colonialismo da população branca, recusando qualquer posição racista e ou tribalista, assumindo posições anti-imperialistas.

Como resultado destas divergências inconciliáveis, Paulo Gumane (ex-líder da UNAMI e então secretário-geral adjunto da FRELIMO), David Manunda (secretário-geral) e ainda Leo Milas, acabaram por deixar de pertencer à FRELIMO, integrando-se em organizações reaccionárias de carácter neo-colonialista.

Entretanto, no interior da FRELIMO, vencidas estas e outras contradições, vai-se reforçando a coesão e a unidade, o que é, em parte, devido a uma prática revolucionária nos sectores da produção, saúde, educação, formação ideológica e política.

Todavia, em 1967, a FRELIMO vê-se ainda com uma nova crise, quando a luta que conduzia contra

cráticas e afasta os meios repressivos como forma de correcção de quaisquer erros cometidos — para isso se têm criado campos de recuperação, onde os reaccionários, marginais e parasitas se educam trabalhando na produção.

Já depois do 25 de Abril de 1974 este movimento mostrou-se dum intransigência revolucionária na definição do inimigo, não cedendo ao neo-colonialismo de Spínola, que pretendia favorecer organizações fantoches (tipo Gumo, Coremo, Fico, Mimo, etc.), onde se acotavam toda a espécie de traidores ao povo moçambicano.

Do mesmo modo, aquando da ocupação do Rádio Clube, na cidade de Lourenço Marques em Setembro de 1974 e logo a seguir ao Acordo de Lusaka (acordo que o fascista Spínola tudo fez para que se não concluísse nos termos em que foi feito, Samora Machel apelou para a colaboração das tropas portuguesas com as da FRELIMO, coisa que muito chocou

alguns professores da nossa praça, incapazes que eram de compreender a aliança entre os revolucionários da FRELIMO e um "Exército pertencente a um exército burguês".

Uma das originalidades do processo moçambicano é que, como diz Samora Machel, "no curso da nossa luta a nossa grande vitória foi transformar a luta armada de libertação nacional em revolução. Por outras palavras, o nosso objectivo final de luta não é izar uma bandeira diferente da portuguesa, fazer eleições mais ou menos honestas em que os pretos e não os brancos são eleitos, ou ter no Palácio da Ponta Vermelha em Lourenço Marques um Presidente preto, em vez de um governador branco. Nós dizemos que o nosso objectivo é conquistar a independência completa, instalar um Poder Popular, construir uma sociedade nova sem exploração, para benefício de todos aqueles que se sentem moçambicanos».



A HISTÓRIA DA FRELIMO

A FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), como o próprio termo «Frente» sugere, não era à partida uma organização política com grande identidade de posições políticas dos seus militantes. Pelo contrário.

Assim, a FRELIMO resulta da fusão da UDENAMO (União Democrática de Moçambique), MANU (Moçambique African National Union) e UNAMI (União Nacional de Moçambique Independente), às quais se juntaram bastantes militantes não enquadrados por qualquer organização política, como era o caso de Eduardo Mondlane, 1.º Presidente da FRELIMO.

Foi, pois, tendo presente que "muitas revoltas e manifestações de protesto contra o colonialismo

Entrevista com um camarada belga

Aproveitando a recente vinda a Lisboa do camarada belga Maurice Berblock, tivemos o ensejo de conversar com eles sobre questões várias, tais como: consequências do processo político português em país de democracia burguesa da Europa Ocidental (caso da Bélgica) internacionalismo proletário e neo-colonialismo (não esqueçamos a

experiência do Congo dito ex-Belga).

Finalmente, pedimos ao camarada belga que nos falasse sobre a sua organização, LA PAROLE AU PEUPLE, organização que, criada em 1971 englobava à partida alguns militantes dissidentes do PC belga e outros camaradas mais jovens

esta organização tem como princípio de definição importante não pretender ser ela a tomar e a exercer o poder mas, tão somente, criar condições através dum trabalho exigente e profundo no meio da classe operária para que a classe, organizada nas estruturas autónomas que por ela sejam elaboradas, tome e exerça o poder.

O internacionalismo proletário passa pela possibilidade de dar aos trabalhadores portugueses (e às suas organizações autónomas) a possibilidade de fazerem ouvir a

sua voz, tanto junto dos trabalhadores, da emigração portuguesa, como junto dos trabalhadores belgas sejam eles flamengos ou valões.

CONSEQUÊNCIAS DO PROCESSO PORTUGUÊS NA EUROPA OCIDENTAL

"A questão de saber que consequências pode ter sobre os trabalhadores belgas o processo português, supõe ter em conta que, tanto a burguesia belga como o internacional empenham todas as suas forças para tentarem enganar os trabalhadores dos diferentes países da Europa Ocidental, sobre o que realmente se passa em Portugal.

Lembro-me, por exemplo, que já no ano passado, nos planos do cerco económico (e mesmo início de bloqueio) que a burguesia tentava lançar sobre Portugal, foi lançado na época de férias (uma época particularmente propícia para os trabalhadores estrangeiros virem ver o que, de facto, se passa em Portugal), uma grande campanha para se não ir até Portugal, pois cá havia cólera!...

Creio que há efectivamente em Portugal uma cólera insuportável

para a burguesia internacional — é a cólera das ideias, isto é, as ideias que, neste momento, são levadas para a frente pelos trabalhadores portugueses, constituem uma ameaça directa para a burguesia, e ela não quer que os trabalhadores da Europa Ocidental venham ver "in loco" o que se passa.

Por tudo isto a burguesia voltará a lançar, ainda este ano, uma grande campanha contra o turismo popular, contra o turismo operário, da mesma maneira que desencadeou, já há muito, a luta para que os emigrantes portugueses não enviassem divisas e dinheiro para o seu país.

Creio, pelo contrário, que os militantes revolucionários dos diferentes países da Europa Ocidental, e particularmente da Bélgica, têm um vivo interesse em lançar todas as suas forças na ruptura do cerco ideológico e nas mentiras que se difundem na imprensa, rádio e tele-

visão sobre o processo revolucionário português.

De facto, o que se passa aqui tem uma grande repercussão sobre a consciência operária e sobre o desenvolvimento das lutas, não apenas na Itália mas também em França, Bélgica, Espanha — o que se passa aqui interessa à classe operária e aos trabalhadores, eu diria do mundo inteiro, mas principalmente da Europa Ocidental.

Portanto a nossa tarefa é também contribuição para o combate das mentiras divulgadas.

Os trabalhadores europeus, postos perante uma crise económica e política para a qual ainda não encontraram saída no campo prático, podem encontrar nos alimentos políticos que lhes dão os camaradas portugueses, a maneira de resolverem, inclusivamente no seu respectivo país, o problema da vitória sobre a reacção e sobre o capitalismo.

A REACÇÃO BELGA TAMBÉM ATACA PORTUGAL

Isto é particularmente verdade no que diz respeito aos trabalhadores belgas que têm ainda mais razões que os restantes para desenvolverem a solidariedade internacional.

Com efeito, a Bélgica é o centro da NATO, é, à escala europeia, o centro da ITT (International Telegraphic Telephone Company) a qual contribui para abater o regime de Allende no Chile; a Bélgica, isto isto é, a burguesia belga, tem interesses consideráveis tanto em Portugal como em Angola pelo que nada mais normal que os queira defender — é esse o seu papel.

Nada mais normal, de resto, que a burguesia defenda os seus privilégios e a burguesia belga fá-lo de um modo scandaloso quando, no plano político, se ingere no desenvolvimento da situação política portuguesa — foi o caso do Parlamento Belga, excepção feita a alguns deputados comunistas, que aprovou uma moção na qual dizia que se inquietava com as acções contra as liberdades democráticas em Portugal. Ora este mesmo parlamento belga, durante a ditadura de Salazar e Caetano nunca levantou a voz.

Quando vemos dois ministros democratas-cristãos belgas socorrerem o CDS, indo ao Congresso do Porto (cuja realização os manifestantes anti-fascistas portugueses impediram) e voltarem para a Bélgica com gritos histéricos, lançando toda a espécie de calúnias (aproveitando-se, para isso, de todas as oportunidades que lhes são proporcionadas) — é exemplo o famoso caso "República" — há aqui, matéria para inquirição e para combate.

Quanto às consequências directas do processo revolucionário português nos trabalhadores belgas, elas não podem ser deturpadas — há países europeus cuja situação política, níveis de consciência e de iniciativa operária, de desenvolvimento e de lutas autónomas da classe operária

(nalguns casos fora das estruturas sindicais ou mesmo contra elas) tomou tais proporções, que os efeitos do processo revolucionário português far-se-ão al sentir com maiores repercussões, maior antecedência e maior profundidade.

Neste sentido, por exemplo, compreende-se que a Itália esteja na vanguarda dessa solidariedade internacional com os trabalhadores portugueses.

Contudo, no que diz respeito aos trabalhadores belgas (e incluo aqui os 12000 trabalhadores portugueses que estão na Bélgica), tentaremos, por todos os meios, colocar a solidariedade internacional ao serviço do processo que está desencadeado em Portugal.

INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

Há já muito tempo que, nas organizações clássicas que se reclamam ainda da classe operária, a noção do internacionalismo proletário se tornou sem sentido e

conteúdo, pelo que os actos desses partidos ficaram em desacordo com as respectivas pretensões ideológicas, com o seu vocabulário e a sua linguagem oca.

DESCOLONIZAÇÃO — O CONGO EX-BELGA

Sobre o neo-colonialismo e o fim da colonização, tal como a vivemos na Bélgica.

Recebemos na Bélgica dezenas de milhares de refugiados, pequenos colonos cheios de preconceitos racistas e extremamente exacerbados pelo facto de terem perdido os seus privilégios no Congo.

Ao reentrarem na Bélgica, lançaram-se numa campanha de excitação, de ódio e reconquista do Congo que, de facto, resultou pelo menos em parte

É assim que vemos hoje um dos cúmplices do assassinato de Lumumba à cabeça do Zaire — trata-se do ex-agente da CIA, Joseph Mobutu, actual protector de Holden Roberto.

Mas, para que isto sucedesse, Mobutu contou com o apoio dos colonos que tinham voltado de África, e com o auxílio das grandes sociedades financeiras belgas e coloniais, as quais detêm ainda, seja em Portugal (onde a Bélgica é o primeiro investidor de capital, à frente mesmo dos Estados Unidos) seja em Angola, onde sociedades belgas controlam, directamente ou através de sociedades interpostas, domínios como os do algodão, do diamante e do petróleo.

Aqui também, com o auxílio dos progressistas e dos revolucionários do Zaire, os trabalhadores e mesmo a juventude belga, tudo farão para colocar os seus esforços em defesa dos interesses do povo angolano e da sua organização representativa — o MPLA.

QUE É A ORGANIZAÇÃO "LA PAROLE AU PEUPLE"

A nossa organização define-se a si mesma como uma organização comunista proletária, não tendo, nem a pretensão nem o direito de se apresentar como uma organização de vanguarda.

Se os trabalhadores, a cujo serviço a organização está desde há três anos, reconhecem nela, em determinado momento, as características de uma organização de vanguarda, ela não recusará esse título, mas terá a modéstia, na hora actual, de não pretender ser uma organização de vanguarda.

Em relação ao marxismo-leninismo, existem actualmente tantas organizações que se reclamam marxistas-leninistas, seja entre paréntesis ou não, que nós preferimos, pelo nosso lado, fazer, talvez, um pouco de marxismo-leninismo, em vez de dizer frequentemente que somos marxistas-leninistas.

Pensamos, de resto, que na sua época e nos respectivos campos de actividade, camaradas como Marx, Engels, Lenine, e outros camaradas que se lhes seguiram, produziram, ideias e práticas que são extremamente úteis para o desenvolvimento das lutas revolucionárias.

Mas não existem apenas os nomes que citei — existem camaradas que, noutros domínios, em outras frentes (penso em camaradas caldos como Guevara, Marighela, Lumumba, Camilo Torres e outros camaradas anónimos),

produziram ideias e práticas que podem ajudar consideravelmente a reflexão dos militantes revolucionários.

Seja como for, pensamos que não há uma verdade universal e eclesialística do marxismo-leninismo, e que a aplicação do marxismo-leninismo aos diferentes terrenos em que se desenvolvem as lutas é de uma riqueza muito grande e tem uma grande capacidade de invenção revolucionária (como povos e classes em luta) maior que a soma de todos os livros escritos pelos "Clássicos".

Esta é também uma das razões porque para a nossa organização o contacto directo, na prática do internacionalismo proletário, com camaradas em luta no País Basco, na Irlanda, na Alemanha, em Portugal, na América Latina, em África, é muito mais rico que o estudo sábio e a discussão sábia, nas salas onde se conversa em torno da questão de se saber se se é ou não marxista-leninista.

Por tudo isto, mais importante que continuarmos a falar da nossa organização, sua estrutura, sua composição, digo aos camaradas portugueses que nos põem essa questão, que vimos aqui como modestos alunos, não como professores, vimos colher lições da experiência extraordinariamente rica que desenvolve, neste momento, o proletário português.



QUARTA-FEIRA, DIA 18

• Manifestação de apoio à justa luta dos trabalhadores da Rádio Renascença. Confronto com contra-mani festantes que apoiavam a posição da hierarquia católica.

• A mais loga reunião do C. S. R. transfere-se do Alfeite para o forte de S. Julião da Barra.

• Como comentário à campanha eleitoral italiana, a "Lotta Continua" refere-se a Portugal, como exemplo da revolução que se deve processar na Itália.

• Os três movimentos de libertação de Angola chegam a acordo sobre medidas a tomar, para cessar as lutas fratricidas no seu país.

QUINTA-FEIRA, DIA 19

• Os contra-manifestantes que se tinham acotado no Patriarcado, começam a ser evacuados às 5 da madrugada. As intenções de que, na véspera, iam animados, não eram as mais pacíficas, pois foram descobertas matracas e outras armas.

• As forças reaccionárias dos Açores, manipulam as dificuldades económicas do arquipélago para pregarem o separatismo. Para observar a esta tomada de posição,

repudiada pela população trabalhadora, vão ser concedidos auxílios aos Açores.

• A greve de braços caídos dos TLP é suspensa temporariamente.

• Reaccionários ligados aos acontecimentos de Ponta Delgada, são libertados e transportados para a ilha de S. Miguel.

SÁBADO DIA 21

• Em entrevista concedida ao Diário de Notícias, Alvaro Cunhal afirma que "os esquemas social-democratas são incompatíveis com aquilo que já se chama o socialismo português".

• O "Socialismo" português é definido em comunicado do C.S.R. como pluralista, e repudiando a ditadura do proletariado, o que suscita grande gozijo nas hostes social-democratas e direitaistas, e o apoio do revisionismo reformista. Implicito no comunicado, a ameaça de repressão à esquerda revolucionária.

DOMINGO, DIA 22

• Os movimentos de Angola, reunidos na Cimeira de Nakuru (Quênia) acordam em renunciar ao uso da força, como força de resolver os problemas internos do seu país.

• Os trabalhadores do Rádio Renascença decidiram publicar

diariamente o seu Boletim, divulgando as decisões e diligências da sua luta.

• Reaberto o "dossier" Angoche, com nomeação de uma Comissão pelo 1.º Ministro.

• Detectados os autores de tentativas de passagem ilegal de divisas, pela fronteira de Valência.

• Paulo VI dá garantias de apoio ao Patriarcado, na posição que mantém de oposição à luta dos trabalhadores da R. R. luta essa que é apoiada por muitas organizações católicas e repudiada por partidos que se dizem marxistas e socialistas.

• Constituído o Sindicato Nacional dos Correios e Telecomunicações.

SEGUNDA-FEIRA, DIA 23

• Otelo Saraiva de Carvalho foi nomeado comandante do COP-CON.

• O Movimento Cristãos para o Socialismo, declara que "achamos intolerável que, invocando a fé, cristãos se pretendam opôr a lutas justas de trabalhadores". Católicos da freguesia da Graça dizem que querem ter a R.R. ao serviço do povo e não do Episcopado Reaccionário. Entretanto, e em nome da liberdade de informação o PS condena a justa luta dos trabalhadores da R.R.

• O Secretariado Nacional Provisório Pró-Conselhos Revolucionários de Trabalhadores, Soldados e Marinheiros, critica o MFA, por considerarem calunioso o ataque feito aos Conselhos Revolucionários, acusando-os de partidário e divisionismo. Em comunicado, afirmam que essas acusações são aplicáveis ao CDR.

• Manifestação de apoio à linha reformista, imposta pelo C.S.R. Todas as forças reaccionárias e social-democratas vieram para a rua vitoriar o pluralismo. PS, PPD, PPM estavam representados. Como sempre, o PCP - (ml), encontrou-se ao lado da burguesia, dos reformistas, dos neo-fascistas. Curiosamente, o PCP (ml) afirma defender a Ditadura do Proletariado...

TERÇA-FEIRA, DIA 24

• O Gabão reconheceu a FLEC (Frente de Libertação do Enclave de Cabinda). Este país é um dos pilares do neo-colonialismo francês e internacional, pertencente ao Pacto de Yaoundé, organização dependente economicamente da França e do Mercado Comum. O Gabão tem grande acção no divisionismo no seio do MLSTP e, no passado, reconheceu o regime separatista neo-colonial do catanga.

• Na Sessão de 23 da Assembleia Constituinte, o deputado da UDP interpelou directamente Octávio Pato, perguntando se "é parlamentarismo o Povo ser informado do que aqui se passa? Então, o Povo saber que os senhores deputados do partido dito Comunista se abstiveram na nossa proposta de não reconhecimento do mandato dos legisladores da Assembleia fascista é parlamentarismo?"

• "Os camponeses reúnem nos campos" foi a palavra de ordem dos camponeses pobres, que se manifestaram em Guimarães, contra os proprietários rurais absentistas, que se têm servido de agressões, boicotes, difusão de boatos e calúnias. Esta manifestação contava a lei do arrendamento rural. Os proprietários rurais conhecidos caciques, fascistas notórios, legionários e dirigentes dos ex-CDS, outra palavra de ordem dos camponeses foi: "Pluralismo revolucionário sim. Pluralismo contra-revolucionário não".

• Afirmações de Ramiro Correia: "Dentro das F.A. não permitiremos quaisquer organizações de carácter político, partidário ou não, estranhas ao MFA. Fora das F.A. não permitiremos quaisquer organizações armadas.

VIANA DO ALENTEJO

(Continuação da pág. 6)

TRABALHADORES ORGANIZADOS A TAREFA PARA HOJE E AMANHÃ

Os trabalhadores da Cooperativa Agrícola das Galerias tomaram medidas para se organizar, elegendo entre todos 5 trabalhadores que constituem a comissão de ocupação e que gere a empresa, ao mesmo tempo que presta contas da vida dentro das quintas ocupadas.

Têm a certeza de que a sua libertação não foi ainda totalmente conseguida porque não pode haver ilhas socialistas rodeadas de capitalismo por todos os lados. Por isso sentem a necessidade e obrigação militante de esclarecer os seus camaradas de outras herdades a fim de que o patronato seja definitiva e totalmente corrido da terra alentejana. Têm consciência que a luta dos trabalhadores não é só uma luta contra os latifundiários, é também uma luta contra os médio agricultores "que são exploradores como os outros" e contra toda a casta de parasitas como os intermediários e o feitor

que "era como o patrão ou ainda pior".

Tem ainda a consciência de que ocuparam terras das mais produtivas. A sua consciência de classe não os leva a tomar uma atitude egoísta, antes dizem que estão dispostos "a dar o que têm a mais aos trabalhadores de herdades menos rentáveis". O socialismo não é uma palavra oca, tem nos trabalhadores da Cooperativa Agrícola das Galerias um sentido muito prático que prevê a eliminação da exploração do homem pelo homem, razão porque sentem que a sua libertação tem de ser acompanhada da libertação de todos os trabalhadores, enquanto que os fascistas terão de ser "encostados à parede".

— O mal foi não os termos metido no Campo Pequeno no dia 26 de Abril - dizem-nos.

CONTRA A BUROCRACIA — PELO SOCIALISMO

A aliança operário-camponesa não a aprenderam os trabalhadores da Cooperativa das Galerias nos livros, aprenderam-na sim na sua vida rude de proletários rurais. Por

isso eles se mostram desejosos da nacionalização da terra com gestão pelos próprios trabalhadores e em que estes terão o seu ordenado como qualquer outro funcionário, independentemente de chover ou fazer sol. A planificação da economia, pondo as riquezas naturais e sociais ao serviço da comunidade, está implícita nesta frase que lhes ouvimos: "nem só quem produz o trigo pode comer; nem só quem produz os sapatos pode andar calçado".

No momento em que toda a gente espera a anunciada Reforma Agrária e os patrões vão colhendo as searas cujo dinheiro irá concertar a parar à Suíça, os trabalhadores da Cooperativa Agrícola das Galerias deram o exemplo ocupando as terras e tudo quanto lá se encontrava, única garantia de que o trabalho não será perdido. E àqueles que temem represálias da parte patronal, os trabalhadores das Galerias apontam o caminho através da vigilância revolucionária, no que s'ao ajudados por outros vieneses: "se o feitor dá voltas esquisitas, é certo e sabido que tem uns pares de olhos a vigiá-lo, não vá ele fazer das suas".

UNIDADE SUPRAPARTIDÁRIA DOS TRABALHADORES

Por outro lado, e enquanto as cúpulas dos partidos se degladiam e dividem os trabalhadores, nas Galerias o que se passa é o exemplo do único caminho a seguir: "aqui há militantes de vários partidos. O que importa é que aqui somos, primeiro que tudo, trabalhadores. Todos temos que respeitar as decisões tomadas em conjunto, independentemente do partido a que cada um pertença ou não".

Unidade de base dos trabalhadores é o que se vive na Cooperativa Agrícola das Galerias, e é esta a única solução para os graves problemas que se põem aos trabalhadores portugueses na construção e na defesa da nova sociedade que se deseja. A defesa contra os inimigos dos trabalhadores e do socialismo levou um trabalhador a comentar: "se nós tivéssemos G 3 nenhum reaccionário faria sabotagem em Viana. É preciso acreditar no espírito revolucionário dos trabalhadores e na sua disciplina. Assim se vê quem está contra e

quem está a favor dos trabalhadores".

Provisoriamente, os homens estão a ganhar 160800 e as mulheres 120800. Depois terá de haver alterações mas os trabalhadores da Cooperativa Agrícola das Galerias esperam que a revisão dos salários se dê já com todos os trabalhadores libertos da opressão e da exploração patronais. Por outras palavras, esperam e lutam para que o socialismo seja rapidamente uma realidade, "mesmo que se meta uns quantos no Campo Pequeno". Têm, pois, consciência de que os rendimentos que lhes poderão advir das ovelhas e das vacas, do leite de umas e doutras, da cevada, da cortiça, do carvão, do trigo, do milho, dos novilhos, etc., etc., etc., não pode ser propriedade de A ou B, tem de ser propriedade de quantos produzem.

Avançar no caminho do socialismo terá que ser, a exemplo do que se passa em Viana do Alentejo, contar com as suas próprias forças. E não há dúvida alguma que os trabalhadores têm força mais do que suficiente para acabar de vez com o capitalismo, que o mesmo é dizer com a exploração e a opressão.

Revolução

Composição e impressão: MIRANDELA & C.ª - Trav. Condessa do Rio, 7-9 /// Distribuição: DIG - Rua das Chagas, 2 - Lisboa

AVENÇA

EDITORIAL

Ao fim de longos dias de reunião do Conselho da Revolução, a montanha pariu um rato: o plano de acção política do MFA. Rato que se pode transformar em ratazana, o bicho fascista.

O período de auge dos Conselhos Revolucionários as formas de poder que estes assumiram, nos dias que foram de 15 a 18, tinha que acabar num confronto. A burguesia acusou o toque, reagiu, veio ao ataque.

Não pensavam os revolucionários nem os militantes mais conscientes da classe que o poder se tomava assim, suavemente, com as portas abertas pela burguesia. Mas muitos trabalhadores pensaram no dia 17 que o poder estava tomado, que Otelo lhes apareceria em S. Bento (não "aparecem" outros sempre a outras manifestações?...) e que tinham terminado os dias da burguesia e das formas de governação de compromisso. Por isso os dias 18, 19, 20 podem ter trazido desorientação e embaraço para alguns.

Mas depressa compreendem que se trata de um confronto de classes e que o último passo, o da tomada do poder é o mais difícil. E aí que o poder vigente estrebucha.

Proteger as "classes mais desprotegidas", dizer que a revolução são os trabalhadores que a fazem, etc., é fácil. Mas o difícil é reconhecer o poder dos trabalhadores, com todas as letras, exercido por eles. A burguesia vem depois ao ataque. O documento do Conselho da Revolução consagra posições de direita, mantém partidos da burguesia no Governo de coligação e partidos fascistas na Constituinte. São reconhecidos partidos "mesmo que não defendem necessariamente opções socialistas". Ameaça-se desarmar os revolucionários.

E a situação económica, não basta traçar-lhe os braços autênticos, dar os números certos. É necessário encontrar uma planificação socialista, com gestão colectiva com nacionalizações que atinjam as empresas estrangeiras. É necessário enfim cortar claramente com o imperialismo; não se pode estar bem com Deus e com o Diabo.

Esta solução do Conselho da Revolução que é uma não solução têm portanto todos os factores propícios à contra-revolução: permite a organização da direita, pretende desarmar os revolucionários, mantém o impasse, logo o agravamento da crise, a degradação da situação.

É portanto um triunfo para o imperialismo. E é um triunfo para posições reformistas de direita como a do PC italiano e a do PC espanhol para quem a revolução socialista em Portugal não deve ser feita. É um triunfo para acordos internacionais, que são capazes de sacrificar um país inteiro.

Mas tais soluções não podem deixar tranquilos os militares que têm sido capazes de arriscar a vida e de estar ao lado dos trabalhadores. As cúpulas político-militares não podem contar com a satisfação dos militares que ainda há pouco tinham feito as suas "recomendações" ao Conselho e sobre as quais este passou calmamente, desconhecendo-as.

Os trabalhadores terão que organizar-se cada vez mais, estar atentos, perceberem bem as posições das várias classes. E escolheram os aliados, entre aqueles que têm armas e são capazes de as passar à classe e com ela as partilharem.

Há que estar atento também em relação às manobras de divisão da classe, como seja a criação dos CDRs, auto-nomeados "defensores da revolução" nos locais de trabalho e perigosamente semelhantes a uma nova legião. As bases dos vários partidos (PC, maoistas e mesmo algumas bases do PS) têm demonstrado, quando são operários, quando são explorados, que estão dispostos à unidade, que ultrapassam as cúpulas. É necessário mais do que nunca não ser sectário dentro do proletariado.

CASTELO BRANCO - QUINTA DO AMIEIRO



Os moradores do Bairro da Quinta do Amieiro organizaram-se em Comissão de Moradores. Contactamos um elemento da Comissão de Moradores que nos relatou a luta dos moradores deste bairro. Que decidiram passar por cima das burocracias e deitar abaixo três muros que impediam a ligação entre dois bairros da cidade, em cujas obras trabalharam camaradas do PRP Brigadas Revolucionárias.

REV: Como se organizou a operação de derrube dos três muros que impediam a ligação entre os bairros da Quinta do Amieiro e do Cansado?

RESP - Organizou-se uma comissão de moradores do Bairro da Quinta do Amieiro para a defesa dos seus interesses.

Depois de uma reunião de comissão de moradores em que se analisaram os problemas do bairro decidiu-se abrir a ligação entre os bairros o que foi comunicado aos moradores e marcou-se para sábado das 7 às 14 horas a operação.

REV: A Câmara de Castelo Branco teve alguma influência na operação?

RESP - Não. Porque para se fazer uma Revolução têm que se por as burocracias de lado. Como é o povo quem faz a Revolução e defendendo os seus interesses actuou passando por cima de todas as burocracias e interesses privados. A actuação da Comissão de Moradores tem de ser dentro da legalidade revolucionária já que as Câmaras apesar de saneadas e apesar da boa vontade de alguns dos seus elementos continua a haver as burocracias e a sua actuação é lenta e ineficaz porque

são projectos antigos e a Câmara não está integrada dentro da legalidade revolucionária e por isso não sabe como resolver.

REV: Todos os moradores do Bairro aderiram à operação?

RESP - Não. Os pretensos burgueses do bairro ficaram à janela a ver derrubar os muros.

REV: Algum partido organizou a ocupação?

RESP - Não. Os interesses dos moradores ou dos trabalhadores têm que ser organizados pelos trabalhadores independentemente dos interesses e lutas partidárias que quanto a mim se assemelham às vias burocráticas na sua lentidão, com discussões partidárias

(que só visam o poder do partido) e com isso quem sofre são os trabalhadores que têm os mesmos interesses, que é a sua libertação do capitalismo que não se faz com palavras nem promessas partidárias. Os partidos têm mostrado um oportunismo que se tem mostrado pródigo em promessas, que visam a caça ao voto para alcançar posição no poder, não lhes interessando os meios, mas sim os fins a alcançar, que se resumem só nisto: poder para controlar os trabalhadores, dividindo-os prejudicando-os nas suas lutas que não obedecem a controles partidários, e que visam a defesa dos justos interesses da classe trabalhadora.

Núcleo de Castelo Branco do PRP-BR

Ainda há socialistas no Partido Socialista

Não foi por acaso que o Secretariado Provisório Pró-Conselhos Revolucionários, quando estabeleceu a sua plataforma de aderência de partidos a esta estrutura unitária de trabalhadores, soldados e marinheiros, fez um convite a todos os partidos à esquerda do PS inclusivé.

De facto, nas bases do PS, existem muitos operários, iludidos pela cúpula do seu partido que, demagogicamente lhes fala em Revolução Socialista mas que de facto, não passa de um destacamento da burguesia contra-revolucionária.

Nesta perspectiva, transcrevemos o comunicado da secção de Vila Franca de Xira, do PS, dirigida à população daquela localidade:

COMUNICADO À POPULAÇÃO

O Secretariado da Secção de Vila Franca de Xira do Partido Socialista, tendo em atenção o teor do comunicado do Porta-Voz do PS relativo ao caso "Rádio Renascença" e os termos em que é convocada a manifestação do PS para o próximo dia 23 do corrente, vem junto da população desta vila e do país manifestar o seu total desacordo em relação aos mesmos.

Considerando o Secretariado desta secção que semelhante convocação trai absolutamente os objectivos do Programa e da Declaração de Princípios do Partido Socialista, aprovados no seu Congresso, em Dezembro de 1974, e, consequentemente os reais interesses dos trabalhadores deste país.

Além disso, semelhante tipo de comunicado, originam o divisionismo entre as forças deste país que efectivamente pretendem implantar o Socialismo e o Poder Democrático dos Trabalhadores.

O comunicado termina com palavras de ordem, que consideramos verdadeiramente revolucionárias:

PELO PODER DEMOCRÁTICO
DOS TRABALHADORES!

PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA